

CAMPEÃO

das províncias



**Um novo
estádio
com ou sem
"Europeu"**

Última Página

**Beira Mar
motivado
para o jogo
nas Antas**

Página 17



**Há muitas
crianças
à espera
de serem
adoptadas**

Páginas 12 e 13

**Consultas
prévias
no "banco"
do Hospital
de Aveiro**

Página 7

**Meio milhão
de contos
para
reconverter
o centro
de Estarreja**

Página 9

**Duplicação
do IP5
atrai sete
consórcios**

Sete consórcios, num total de 51 empresas, entraram na corrida para a concessão SCUT (regime de portagem sem cobrança aos utilizadores) das Beiras Alta e Litoral, que inclui a duplicação do IP5 em perfil de auto-estrada. As 20 propostas oscilam entre os 50 e os 140 milhões de contos. A Junta Autónoma de Estradas não avança, para já, qualquer data relativamente ao anúncio da proposta seleccionada, mas as previsões apontam para que as obras estejam concluídas até 2005.

Página 4



Um edifício revivalista ao gosto da arte nova, está em vias de construção na zona da Beira Mar. De facto, têm causado boa impressão as formas estéticas que este edifício adoptou, enriquecendo o património construído da cidade e evidenciando um bom trabalho de escultura em pedra. Vale a pena admirar a obra, distinta do comum casario, que para aí se levanta... Vá lá ver.

**O dr. Alberto Souto deveria
sair mais do gabinete**
- sugere o presidente da Junta de Freguesia de Aradas

Páginas 2 e 3



ESQUINA VIVA
EMBLICAMENTO E ESPAÇO DE ARTE, LDA.
www.esquina.viva.pt

Loja 1 - Rua Comandante Rocha e Cunha, 51 - A
Tel./Fax 034-26546 • 3810 AVEIRO

Loja 2 - Edif. do Casarão, R. Vicente Almeida 52a, 2-1/c
Tel. 034-316547 • ESQUEIRA • 3800 AVEIRO

Loja 3 - Centro Comercial Oita, loja 410
Av. Dr. Lourenço Peitinho, 146 • 3800 AVEIRO

VENDE-DE:

Telas Litografias
Serigrafias Estampas

Manuel Madail

«É preciso dar força às juntas de freguesia»

Manuel Madail é o "dinossáuro" da vida autárquica de Aveiro. Já lá vão 25 anos à frente da Junta de Freguesia de Aradas. A última candidatura surgiu como resposta a «insistentes pedidos», mas é certo que não voltará a candidatar-se; é tempo de «parar e descansar». Quer o melhor para a sua terra e garante que se sente, cada vez mais, um homem do Norte. Pessoas vultadas, independentemente das cores partidárias, são a chave para uma gestão de sucesso — fala a voz da experiência.

Paula Ventura

Campeão das Províncias (CP) — A Junta de Freguesia de Aradas já tem Plano de Actividades para este ano?

Manuel Madail (MM) — Quando elaboramos o Plano de Actividades e Orçamento (PAO) temos por hábito trocar impressões profundas com os líderes dos outros partidos. Temos sempre por princípio chegar a acordo. Vamos ter uma reunião amanhã para ficar tudo decidido. Mas já temos ideias concretas sobre o que será o PAO para 99.

CP — Quais são as principais prioridades?

MM — Nós lutamos pelo crescimento da freguesia em todas as áreas. Não privilegiamos certos sectores em detrimento de outros. Esta é uma freguesia muito grande, com muitas carências, temos que englobar o nosso Plano com o da Câmara Municipal. Tendo isso em consideração, a nossa grande prioridade é o saneamento, as águas pluviais e a rectificação de algumas vias de resto, é na rede viária onde se notam, nesta altura, as maiores carências. Temos vários problemas graves que vamos tentar resolver... Mas posso dizer-lhe que o Plano de Actividades da freguesia de Aradas está contemplada a execução de passeios, a habitação social, loteamentos para auto construção, apoio às escolas... Esperamos ter um bom ano.

CP — Está confiante?
MM — Ao longo dos anos, esta Junta de Freguesia criou uma certa auto-

nomia na área financeira. Mas é claro que deixamos os grande investimentos para a Câmara Municipal. Nós iremos cumprir as pequenas obras para as quais temos capacidade; o executivo aveirense incluí algumas obras para a freguesia no PA, outras, julgo que, ao longo do ano, serão ainda revistas; portanto, estou confiante que alguma coisa se faça.

«Desequilíbrio entre a cidade e os freguesias rurais»

CP — E relativamente ao Plano de Actividades da Câmara Municipal, qual é a sua opinião?

MM — Por muito bem feitos que sejam, os planos de actividades nunca agradam a todos. Temos que ter o bom senso de o reconhecer. Não vou bater palmas ao Plano de Actividades mas também não me vou pôr em bicos de pés para lhe fazer censura. Julgo que há um certo desequilíbrio, ao qual já estou habituado, entre a cidade propriamente dita e as freguesias rurais...

CP — Essa é uma das principais queixas dos presidentes das Juntas de Freguesias rurais...

MM — Desde 1976 que venho lutar contra todos os presidentes da Câmara, por causa dessa situação. Julgo que o actual presidente da Câmara, dr. Alberto Souto, irá reconhecer, no próximo ano, que é importante olhar mais atentamente para as freguesias rurais. A Câmara Municipal tem que reconhecer e aceitar que o crescimento natural da cidade vai no sentido de Aradas, S. Bernardo,

Oliveirinha, Cacia... e não pode continuar a investir tão pouco nessas freguesias. Mas este é um velho problema.

«Ésto a aparecer verdadeiras crateras nas nossas ruas»

CP — Mas ainda voltando ao Plano de Actividades...

MM — Já o disse e repito. As estradas do concelho de Aveiro, se não são mesmo as piores, são das piores desta zona e a Câmara Municipal tem que olhar para elas, estando esta situação contemplada ou não no Plano de Actividades. Estão a aparecer verdadeiras crateras nas nossas ruas. Eu fico satisfeito com as obras de embelezamento da cidade, mas entre uma cidade menos bonita e umas ruas dignas, não tenho dúvidas, prefiro estradas em que possamos viajar sem prejudicar os nossos carros.

CP — Entende, então, que algumas obras poderiam ser dispensadas em favor da beneficiação das estradas?

MM — Eu julgo que isso vai acontecer. As vias são o publicitar de uma terra; por elas viajam milhares de pessoas que não são de cá e que nos apreciam, ou não, pelo que lhes apresentamos. O concelho tem que crescer em harmonia e a rede viária está toda mal, salvo raras excepções... Eu acredito que a Câmara Municipal vai rever esse assunto e vai encontrar uma solução. De resto, o executivo está a apostar forte na área do saneamento; o presidente da Câmara já afirmou que, no final do seu mandato, o



«Continuo a dizer que o dr. Alberto Souto deveria sair mais do gabinete»

saneamento estará quase a 100% e o trabalho, nessa área, está a andar a bom ritmo. Se assim acontecer, merecerá os nossos parabéns. Outro sector para o qual a Câmara Municipal terá de olhar mais atentamente é o da habitação social.

«A Câmara está a onerar o desenvolvimento de Aradas»

CP — A freguesia de Aradas tem muitas carências nessa área?

MM — Há cerca de três anos fizemos um estudo e encontramos 19 famílias realmente carenciadas. Entretanto, algumas, muito poucas, foram contempladas. Temos um terreno para construir cerca de dez habitações, esperamos que a Câmara Municipal arranque com esse projecto ainda este ano, pelo menos existe essa promessa e verbalmente disponível. Este é um problema de Aradas que ficaria resolvido com uma alteração ao PDM (Plano Director Municipal); uma

revisão que permitisse lotear terrenos para auto construção. Obviamente, seriam lotes destinados a pessoas carenciadas, porque as que têm dinheiro não precisam de que lhes resolva os problemas. Em Aradas, os terrenos disponíveis para venda são caríssimos. Muitas pessoas da freguesia acabam por sair daqui para construir a sua moradia. É urgente esta revisão ao PDM. Desta forma, a Câmara está a onerar o desenvolvimento da freguesia de Aradas.

«Não sou a favor nem contra as presidências abertas»

CP — Está completo um ano de mandato do executivo de Alberto Souto. Qual é a sua apreciação?

MM — Passou-se um ano, um período durante o qual as pessoas estão, normalmente, em estado de graça. Julgo que algumas coisas foram bem feitas, mas temos que esperar para ver o fruto do trabalho de-

senvolvimento. Penso que se o dr. Alberto Souto sair mais do seu gabinete e passar pelas freguesias rurais, poderá fazer mais e melhores coisas. Se o presidente da Câmara se mantiver, ou se mantém, no seu gabinete, não fará um trabalho em consonância com o concelho real. O presidente do executivo é um jovem, tem que se habituar a andar cá fora e apanhar o pulso. Mesmo em termos políticos, isto é necessário a qualquer presidente de Câmara. Eu tenho esperanças de que tal vai acontecer. Eu avalio as pessoas por aquilo que elas fazem. Até agora, nada me leva a desacreditar no actual executivo. Um ano é muito pouco tempo. Só por amizade natural é que podemos comentar já a dizer mal das pessoas. Mas continuo a dizer que o dr. Alberto Souto devia sair mais do gabinete...

CP — Mas o actual executivo tem levado a efeito as presidências abertas...

MM — Eu não sou nem a favor nem contra as presidências abertas. Nes

te tipo de iniciativas, o executivo limita-se a uma visita guiada pelos presidentes das juntas... Eu defendo que o presidente e vereadores se deslocem pelos seus próprios meios, que conheçam os cantos às freguesias, que vejam o que está bem e mal para que, quando conversarem com os autarcas locais, os possam compreender e saibam, realmente, o que se passa. É como conhecer uma cidade ou um país... Eu só fico a conhecer uma localidade se andar sozinho, se me perder, se andar por caminhos sem saída... É preciso passar por lá várias vezes e ver tudo aquilo que os guias, provavelmente, não mostram que eu viço... Espero que, um dia, quando o senhor presidente da Câmara vier fazer uma presidência aberta a Aradães, já conheça a freguesia.

CP - Concorde com as actuais competências das juntas de freguesia?

MM - Eu acho que, em relação às juntas de freguesia, não existem competências. É desmotivante estar à frente de uma autarquia e não ter capacidade financeira para mostrar o nosso valor. Por exemplo, este ano, o presidente da Câmara propôs delegar-me competências em certas áreas e eu declinei o convite... Para me dar dez mil contos, não vale a pena... O que é que eu vou fazer com esse dinheiro? Se me dessem 100 mil contos ou 200 mil contos para eu gastar em Aradães, então, nessa altura, eu já faria qualquer coisa, uma gestão à minha maneira... A imagem de um presidente de junta é a imagem de um pedinte. Já antes de 1976 era assim...

CP - Acha que as freguesias estão condenadas a

essa postura de "pedintes"?

MM - Nós vivemos num país centralizador. Falou-se muito da regionalização, mas para descentralizar não é preciso fortalecer, é preciso dar força aos municípios e, conseqüentemente, às juntas de freguesia. São estas que sentem o pulsar das populações; somos nós que ouvimos as reclamações todos os dias e só quando estamos cheios é que vamos dizer à Câmara Municipal... Um dia, numa das minhas visitas "de não estendida" disse ao dr. Girão "eu não estou a pedir nada do que é seu nem estou a pedir para mim". Os presidentes das câmaras têm que perceber que, quando nós deixamos o nosso local de trabalho e nos dirigimos aos Paços do Concelho, não é por gozete, é porque somos obrigados a isso. Os responsáveis pelo executivo têm que olhar para os autarcas das freguesias como pessoas que se sacrificam pelo seu povo. Nós somos como um pára-raios da população, filtramos os protestos e acabamos, muitas vezes, por ser acusados de falhar só porque houve alguém que também falhou perante nós. A delegação de competências é salutar. Os responsáveis pelo executivo têm que perceber quem são os autarcas competentes e em quem podem, realmente, delegar poderes. Façam experiências. Julgo que, dessa forma, a Câmara Municipal teria condições para produzir mais obras com menos dinheiro.

CP - O que pensa das recentes trocas de acusações entre o presidente da Câmara Municipal e o líder da bancada de PSD na Assembleia Municipal?

MM - Acho que as coisas podem ser

conduzidas de forma diferente. Entendo que se podem fazer interpelações de maneira a que as pessoas não se sintam ofendidas; eu sou contra a violência verbal; sou também daqueles que não é capaz de separar a força política da ofensa pessoal. Se me chamam incompetente e duvidam da minha honestidade politicamente, estão também a ofender a minha personalidade. Compreendo a reacção do dr. Alberto Souto; compreendo a reacção da oposição; não compreendo nem o tom de outro nem de outros. Dizem que é política, se é para fazer política assim, eu não sou político. Eu só ofendo as pessoas se não souber que as estou a ofender; posso colar em causa a acção das pessoas, mas nunca duvidar da sua honestidade. Nós podemos dar a entender que não estamos satisfeitos com determinadas situações sem partir para a ofensa. Entendo que a oposição foi um bocado violenta e o dr. Alberto Souto respondeu ainda mais violentamente. Aqui-lo que eu digo a si e a outros é que existem formas de conduzir as coisas de outra forma e espero que, publicamente, as pessoas entrem o machado para que haja paz. Aveiro precisa de críticas, precisa que se apontem os erros, mas não desta forma. Julgo que esta é uma fase passageira. Toda a gente vai reconhecer que estava um pouco acalorada... Em termos políticos, quando se meamos ventos, colhem tempestades. A oposição atinou ventos e depois veio uma tempestade. Do meu ponto de vista, a oposição devia ter mandado uma brisa e do outro lado viria um vento mais forte. Te-

mos que dar o exemplo às pessoas que vêm para Aveiro.

CP - O projecto da "Europa dos Pequenitos" deu um passo em frente, a semana passada, com a tomada de posse da comissão de acompanhamento. O local escolhido para a implantação do parque foi motivo de algumas críticas dos ambientalistas... Qual é a sua opinião?

MM - Eu entendo que o local está bem escolhido. Mas há uma coisa de que ainda não ouvi falar e que poderá ser problemática: é uma zona de muitos mosquitos. Mas é natural que existam meios técnicos para resolver esse problema. De resto, acho que a localização é perfeita, porque a "Europa dos Pequenitos" não será uma estrutura só para Aveiro, mas para um região e para o país.

CP - Qual é a leitura que faz da actual situação

do PP/Aveiro?

MM - Em Aveiro, acho que, para já, o PP não terá aspirações a um grande salto. Até porque, para já, não vejo nenhum carismático que possa aparecer como candidato à Câmara Municipal, mas pode aparecer... As pessoas existem mas não querem avançar. Em Aveiro, o partido está muito calmo... Mas, em três anos, muita coisa pode acontecer.

«A cidade vive de costas voltadas para o Beira Mar»

CP - E o Beira Mar, está no bom caminho?

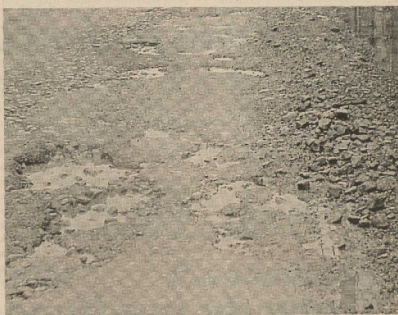
MM - A cidade vive de costas voltadas para o Beira Mar. A Câmara está a fazer um grande esforço... A Direcção do Beira Mar está zozinha, como sempre aconteceu. As pessoas não vão ao estúdio. Julgo que a Direcção está a fazer um

bom trabalho de gestão, eviando os burocras financeiros, a equipa tem um bom técnico. Com um bocado de sorte, será capaz de se manter na primeira divisão. Mesmo que tal não aconteça, penso que as pessoas de Aveiro não sentirão grande falta, uma vez que não apoiam a equipa.

CP - Como se classifica: autarca ou empresário?

MM - É uma pergunta difícil. Ao longo de 25 anos tenho a noção de que, muitas vezes, o ser empresário facilitou-me ser autarca, mas não posso dizer que o ser autarca me tenha facilitado ser empresário. Posso lhe dizer que tenho uma secretária na empresa que trabalha a 20% para a autarquia. Eu ligo muito a vida de empresário à de autarca, misturo as duas coisas; mas posso garantir-lhe que nunca prejudiquei uma coisa em detrimento da outra.

«Compreendo a reacção do dr. Alberto Souto; compreendo a reacção da oposição; não compreendo nem o tom de um nem de outro. Dizem que isso é política; se é para fazer política assim, eu não sou político»



«Estão a aparecer verdadeiras crateras nas nossas ruas»

Apartes

«A imagem de um presidente de junta é a imagem de um pedinte»

«Para mim, o dr. Alberto Souto foi, por um lado, uma surpresa; por outro, não. O avô do presidente da Câmara era vizinho dos meus pais e eu conhecia a fidalguia com que ele tratava as pessoas. O seu neto, o actual presidente da Câmara, é um homem que sabe receber, com quem se conversa com prazer e, em termos pessoais, é a confirma-

ção dos seus antepassados.»

«Uma das críticas que eu faço a colegas presidentes de Junta, de quem sou amigo, é a de que puxam muito a "brasa à sua sardinha". Há pessoas que quem ter tudo mesmo em prejuízo das outras. Eu entendo que nós só vivemos bem quando o nosso vizinho também vive bem. Caso contrário, esse nosso vizinho pode tirar-nos alguma coisa.»

«Sou contra as maiorias. As maiorias não são salutares, nem a nível de Governo nem a nível autárquico. As maiorias propiciam a estagnação e o comodismo (que não vale a pena esconder, é mesmo assim...). Quando é preciso governar com duas ou três forças políticas, as coisas tornam-se mais rigorosas.»

«Eu, se estivesse no lugar de presidente da Câmara,

fazia uma pesquisa para, dentro do possível colocar pessoas vildas à minha volta, independentemente dos partidos políticos; poderia, então, viver descansado, com pessoas de confiança a trabalhar comigo.»

«Vivi, há pouco tempo, um dos pontos mais negros da minha vida. Estive doente e cheguei mesmo a pensar que não me restaria muito tempo de vida... Não desjeito isto a ninguém. Não queira saber o movimento que se gerou nesta terra. Tive incriíveis provas de solidariedade e amizade. Desde que sejamos honestos, as pessoas sabem dar-nos valor.»

«Eu não tenho cores. Eu gosto de qualquer cor, desde que ela não seja muito carregada; o que me interessa é o bem-estar e o desenvolvimento do concelho de Aveiro...»

Duplicação do IP5 mobiliza construtoras

A Junta Autónoma de Estradas (JAE) está a proceder à análise das propostas apresentadas na sequência do concurso público internacional para a concessão SCUT (regime de portagem de sem cobrança aos utilizadores) de lanços de auto-estrada e conjuntos viários associados nas Beiras Litoral e Alta, obra que inclui a duplicação de todo o IP 5 em perfil de auto-estrada.

A JAE recebeu candidaturas de 51 empresas, na grande maioria, portuguesas, integradas em sete consórcios: o Scutvias, liderado pela Soares da Costa e Teixeira Duarte; o Rota das Beiras, que integra a SEOP - Sociedade de Empreitadas de Obras Públicas e CDC Projects; o Lusó SCUT Beiras Litoral e Alta, composto, entre outras, pela Mota e Companhia e Engil; o Auto-Estrada da Transbeira, que integra a Somague, Edifer e Abantina; e ainda outros 3 concorrentes que agrupam empresas como a Cimtra - Concessões de Infraestruturas de Transportes, a ACS - Actividades de

Construcción y Servicios e o Grupo Acciona.

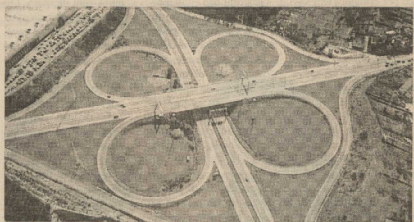
As propostas, num total de 20, apresentam valores bastante díspares: as mais baixas oscilam entre os 50 e os 70 milhões de contos e a mais alta atinge os 140 milhões de contos; verbas que incluem os custos de construção e manutenção por 30 anos. A concessão abrange um total de 180 Km, dos quais 175 Km (de auto-estrada) serão construídos pelos concorrentes; a Junta Autónoma ficará responsável pela duplicação dos restantes 5 Km e pelas obras nos troços de ligação à rede local. A JAE não avança, por enquanto, qualquer data para o anúncio do concorrente seleccionado, o que faz prever que este venha a ser um processo moroso.

De resto, o único prazo já divulgado publicamente é o relativo à conclusão dos trabalhos, apontado para 2005. Mas nem todos os consórcios concorrentes prevêem necessitar de tanto tempo para a concretização da duplicação até Vilar For-

moso: o concorrente mais optimista promete entregar a obra até 1 de Janeiro de 2003.

O concurso, dirigido pela JAE, apresenta como principais critérios para apreciação das propostas, o valor esperado actual líquido dos custos financeiros para o estado emergentes da concessão, as datas

de entrada em serviço, a solidez da estrutura financeira e os níveis de qualidade de serviço e segurança, entre outros. Segundo consta do concurso público, o acto de escolha do concorrente será precedida de uma fase de negociações com os dois consórcios autores das propostas que melhor satisfizem o interesse público.



Finalmente o concurso. Esperemos que as obras arranquem em breve

Sub-15 vão poder conduzir ciclomotores

O projecto que cria a licença especial de condução de ciclomotores para jovens com 14 e ou 15 anos foi apresentado ontem, em Lisboa. Trata-se de um projecto pelo qual a Associação Nacional dos Industriais de Bicicletas, Ciclomotores, Motociclos e Acessórios (ABIMOTA) se vem batendo há largos anos.

Esta licença especial de

condução vai custar 47 500\$00 e, para a obter, os jovens deverão ter o 7º ano de escolaridade e frequentar um curso de 15 horas a ser ministrado, a nível nacional, pela Prevenção Rodoviária Portuguesa (PRP). Já a partir de Fevereiro, os interessados, que reúnam as condições exigidas, poderão candidatar-se à obtenção da licença, com a qual ficam

habilitados a conduzir veículos de duas rodas de cilindrada inferior a 50 cc e com velocidade limitada a 45 km/hora.

Os fabricantes nacionais de ciclomotores encaram este projecto como uma grande oportunidade, para aumentarem as suas vendas. Angelino Ferreira, presidente da ABIMOTA, considera que se está a dar um passo da maior impor-

tância para o sector das duas rodas motorizadas, em Portugal, acrescentando, no entanto, que «a sua implementação peca por tardia». O processo termina em não sair da gaveta, «apesar de terem sido feitas inúmeras diligências junto da Direcção-Geral de Viação (DGV) e do próprio Governo».

A maior parte dos fabricantes nacionais de ve-

culos motorizados está concentrada em Águeda. Algumas empresas baseiam mesmo toda a sua produção no fabrico de ciclomotores, um segmento de mercado sujeito à feroz concorrência asiática. Neste sector, a vida das empresas não está fácil - queixam-se os empresários. A própria legislação tem provocado algumas perturbações no mercado. Os

industriais falam, até, de uma certa anarquia que envolve a questão dos livretos dos motociclos, que deixaram de ser passados pela DGV, ficando as câmaras municipais com esta competência. Em resultado disso, comenta Angelino Ferreira, «algumas câmaras recusam-se a passar os livretos, por desconhecimento dessa alteração da legislação».

Greve de médicos considerada ilegal SIM espera para ver...

O Sindicato Independente dos Médicos (SIM) vai esperar a publicação em «Diário da República», do parecer da Procuradoria-Geral da República que

considera ilegal a greve «self-service» para tomar uma posição.

«O parecer tem ainda de ser homologado pelo Governo e publicado no

«Diário da República» e só depois tomaremos uma posição», disse António Barreto, secretário-geral do Sindicato.

«Se os nossos advogados

nos disserem que o parecer tem força de lei, teremos de o cumprir para não cometermos ilegalidades. Se não, podemos recorrer para o Supremo Tribunal Administrativo ou para o Tribunal Constitucional», acrescentou.

«Há mais greves que médicos e, se for necessário, havemos de descobrir outras formas de greve», avisou.

A Procuradoria-Geral da República considerou, por unanimidade, a greve

ilegal, já depois de esta terminada após um apelo do presidente da República.

A ministra da Saúde, Maria de Belém Roseira, congratulou-se com o parecer da Procuradoria-Geral, aguardando agora as informações das administrações regionais de Saúde para agir em conformidade de no que respeita às falhas injustificadas dos médicos.

«O parecer prova que o Governo agiu bem», disse. Se os médicos repetirem uma forma de luta se-

melhante, sujeitam-se a sanções disciplinares, além de poderem ser acionados penal e civilmente por prejuízos causados a doentes.

Os médicos portugueses encetaram durante 113 dias uma forma de greve original, chamada «self-service», que lançou o caos nos hospitais e nos centros de saúde.

A greve foi suspensa na última sexta-feira, após um apelo, nesse sentido, do presidente da República.



RESTAURANTE
Abílio Marques
(Abílio dos Frangos)

CASAMENTOS
BAPTIZADOS
FESTAS
E.T.C.

Frango de Churrasco
Leitão à Bairrada
Arroz malandro

BONSUCESSO - ARADAS - 3810 AVEIRO - TELEF. 23457 - FAX 381412

“Europa dos Pequenitos” começou a gatinhar...

Está dado mais um passo em frente no sentido da concretização do Parque Temático “Europa dos Pequenitos” em Aveiro. Foi empossada, na passada sexta-feira, a Comissão de Acompanhamento do projecto. Segundo Viegas Nascimento, presidente da Fundação Bissaya Barreto (FBB), já foi «desenchedado o processo preliminar de constituição do Parque Temático e encomendado a um grupo de historiadores o enquadramento e a raiz histórica que devem presidir à elaboração do projecto da “Europa dos Pequenitos”. Porque, tal como salientou o presidente da Fundação, é de extrema importância a vertente pedagógica do Parque que vai retratar a génese do Velho Continente e o encontro dos povos europeus.

Uma vez concluída esta fase preliminar, proceder-se-á ao lançamento do concurso de concepção, que decorrerá sob a orientação de um júri de selecção; escolhida a melhor proposta, que será submetida à apreciação da Fundação e da autarquia aveirense, avançar-se-á para a adjudicação do projecto de execução. Todos os passos deste processo serão seguidos atentamente pela Comissão de Acompanhamento, que terá como funções «não só acompanhar mas também dinamizar todo o projecto, de forma a que a “Europa dos Pequenitos” seja, em breve, uma realidade em Aveiro». Apesar de ser ainda prematuro avançar números concretos, uma vez que não existe, por enquanto, projecto de execução, o responsável pela FBB prevê que o orçamento rondará os 2,5 milhões de contos, verba que a

Fundação vai candidatar aos fundos do III Quadro Comunitário de Apoio.

Viegas Nascimento considera que «Aveiro soube conquistar e merecer este empreendimento», adiantando que «da cidade dos canais e dos aveirenses sou recebi apoio, carinho e facilidades». Certo é que, daqui para a frente, o caminho a percorrer não será, certamente, fácil. Alberto Souto está consciente de que «este projecto vai exigir muito profissionalismo e trabalho de todos os envolvidos», mas assegura que «uma vez ultrapassada esta fase inicial, ele avançará no sentido de atingir a visibilidade que todos esperamos». O que não vai acontecer terá cedo. Como fez questão de salientar Viegas Nascimento, «este é um projecto a médio prazo».

O Parque Temático vai ocupar uma área de cerca de 11 hectares de terreno localizado ao longo do IP5, ao lado do terminal Tir-Tif, junto a um dos canais da Ria, que pertence, em grande parte, à jurisdição do Domínio Público Marítimo e a alguns particulares. A Câmara de Aveiro já iniciou o processo de aquisição de algumas parcelas desta área. Trata-se de uma zona considerada bastante sensível, do ponto de vista ambiental, já que integra uma parte do salgado aveirense. Uma questão que, garante Alberto Souto, não foi descuidada. A autarquia já colocou a Direcção Regional do Ambiente ao corrente de todo este processo prevenindo assim futuras complicações. O presidente da Câmara admite a realização de um

estudo de impacto ambiental «se a lei assim o impuser».

Uma proposta irrecusável

Foi em Outubro de 1997 que a notícia deixou Coimbra em suspense. Afinal, Aveiro acabaria por ser a localidade escolhida para sede do Parque “Europa dos Pequenitos”. Na cidade dos estudantes caíam por terra as esperanças depositadas num projecto que constava do Plano Director Municipal desde 1992. A “Europa dos Pequenitos” surgia associada a um dos grandes projectos da autarquia cominbricence: o parque Verde do Mondego (junto ao Rio, entre o Choupalinho e a Lapa dos Esteiros), por isso, nada fazia prever tal decisão da Fundação Bissaya Barreto (FBB). Em declarações a um jornal diário, o ex-governador civil de Coimbra acabaria por traduzir assim o sentimento geral: «É um enxovalho!». A situação gerou naturalmente um clima favorável à oposição PSD e PCP na Câmara de Coimbra, então acusada de falta de capacidade para atrair investimentos. Manuel Machado, presidente da Câmara de Coimbra e, simultaneamente membro do Grande Conselho da Fundação Bissaya Barreto, lamentou nunca ter sido informado do andamento do processo nem tão pouco da mudança de estratégia da FBB.

Numa coísta todos pareciam concordar: a “Europa dos Pequenitos”, que se prevê venha a atrair cerca de 1 milhão de visitantes por ano, é uma gran-

de perda para Coimbra. Mas para Viegas do Nascimento, presidente da FBB, tudo se resume a uma questão de viabilidade. Segundo um estudo encomendado a uma empresa da especialidade, a proximidade do «Portugal dos Pequenitos» só acarretaria desvantagens para o novo empreendimento, razão pela qual a opção por Coimbra terá sido preterida. Por outro lado, a proposta da Câmara de Aveiro revelou-se «irrecusável» por parte dos responsáveis da Fundação. Foi no final de 96 que a autarquia aveirense manifestou interesse em acolher a “Europa dos Pequenitos”. Perante a proposta apresentada, a FBB concluiu ser esta a mais vantajosa e a de melhor localização e enquadramento. De resto, a localização na Região Centro, desde da Obra Social, foi um dos factores apontados como determinantes pela Fundação que não descurou, naturalmente, o potencial económico e demográfico da região aveirense. Mas não ficam por aqui as razões desta opção pela cidade de Aveiro. A localização apontada pela autarquia agradou sobremaneira à Fundação: um terreno junto ao IP5, de acesso fácil aos nós Aveiro-Norte e Aveiro-Sul, da auto-estrada Lisboa/Porto, com ligação directa à fronteira, e por outro lado, muito próximo da cidade e das praias. O elemento água, componente fundamental deste Parque Temático, é assegurado por a outros braços da Ria.

Para a autarquia aveirense a “Europa dos Pequenitos” é a obra certa para o local certo.

Onze mil contos destinados à segurança rodoviária

A Câmara Municipal de Aveiro celebrou um protocolo de cooperação financeira com o Governo Civil e a Direcção-Geral de Viação, no montante global de 11.087 contos.

O protocolo visa à aquisição de sete conjuntos de redutores de velocidade (semáforos), no valor de 5.866 contos, e de três conjuntos de sinalização luminosa, no montante de 5.221 contos. O investimento global será comparticipado pela Direcção-Geral de Viação em 50 por cento, cabendo à autarquia garantir os

meios complementares à execução do projecto.

Os redutores de velocidade serão colocados na ex-EN 230, na travessa de Azurva (dois conjuntos), na estrada de São Bernardo (quatro conjuntos), e na Avenida Artur Ravara à entrada de Aveiro, no sentido de Oia (um conjunto). No que concerne aos conjuntos de sinalização luminosa, estes ficarão instalados no cruzamento das Avenidas da Força Aérea e Senhora da Alegria com a Rua de Sá, no entroncamento da Rua Máia Sacramento com a Rua

das Pombas (Aveiro), e no cruzamento da EN de Ovar com a Avenida do Mar, em S. Jacinto.

O governador civil de Aveiro salientou na cerimónia, a importância da celebração destes protocolos, no sentido de tentar diminuir a sinistralidade no distrito e melhorar a fluidez do trânsito. Antero Gaspar referiu que «semora o factor humano seja o principal responsável pela ocorrência de acidentes rodoviários, há infra-estruturas que podem melhorar as condições de segurança

na estrada».

Referindo-se aos indicadores mais significativos de sinistralidade rodoviária, o governador civil de Aveiro adiantou que 70% dos acidentes acontecem dentro das localidades, enquanto que 60% resultam de colisões e 22% de atropelamentos; 50% decorrem de velocidade excessiva e 22% de desobediência de prioridade. Resultados retirados de um estudo efectuado entre Junho de 1997 e Setembro de 1998, durante o qual se registou uma média mensal de 8,1 acidentes.

Planeamento familiar em colóquio

O “Planeamento Familiar” é o tema para um colóquio que vai decorrer amanhã, sexta-feira, no Hotel Imperial. Trata-se de uma iniciativa da Organização das Mulheres do CDS/PP. As conversas têm início marcado para as 10h com as intervenções de Miguel Capão Filipe e Maria Emília Carvalho, da comissão política concelhia de Aveiro do CDS/PP; e Joana de Barros, alta comissária para a família. “Planeamento familiar e seu acompanhamento jurídico”. “Da teoria à prática dum centro de saúde rural” e “Planeamento de família e educação sexual” serão alguns dos temas em foco neste debate que vai contar com as participações de Maria José Nogueira Pinto, deputada na Assembleia da República, e Luis Wandschneider, co-fundador da Associação do Planeamento da Família, entre outros. O presidente do CDS/PP, Paulo Portas, preside à sessão de encerramento, prevista para as 18h.

APPACDM vai produzir peças artísticas para a Câmara

A Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) vai produzir, no seu atelier, peças cerâmicas para a Câmara Municipal de Aveiro oferecer em vitrinas oficiais. O acordo, que será formalizado em breve, através de um protocolo entre as duas entidades, prevê a produção de um molde exclusivo para a autarquia, que será adornado com motivos regionais. O monitor do atelier de cerâmica da APPACDM, Helder Alegrete está a fazer o esboço do

trabalho para apresentar aos responsáveis pela autarquia. Mentalmente, disse que já está tudo concebido, faltando agora passar à prática. O monitor adiantou, ainda, que a encomenda da Câmara deverá rondar as 400/500 unidades, com motivos alusivos principalmente à cidade, entre os quais estará, inevitavelmente, a fachada da autarquia.

No âmbito de trabalho com instituições, este é o «pontapé de saída» da APPACDM, referiu a psicóloga/coordenadora Lília

Rosmaninho. «É normal participarmos em feiras de artesanato e concursos», afirmou aquela responsável, bem como receber muitas encomendas de particulares. Entre as principais produções cerâmicas da APPACDM encontram-se pratos, jaras, pinturas em azulejos, quadros e estatuas.

No atelier de cerâmica trabalham, permanentemente, cinco alunos, que se encontram num processo pré-profissionalizante. Lília Rosmaninho adiantou que a Associação já entregou uma candidatura para podermos fazer formação profissional, encontrando-se à espera de uma resposta por parte das entidades competentes.

Unidade residencial de raiz na Costa do Váldo

Os alunos que estão diariamente na APPACDM vivem, na sua maioria, com os pais. Os outros, actualmente 18, estão connosco nas nossas unidades residenciais em Santiago e S. Bernardo», referiu a psicóloga/coordenadora: a primeira unidade acolhe seis alunos e a de S. Bernardo, 12. Esta última, inaugurada recentemente, é uma vivenda alugada para a qual «avancamos por causa da elevada procura», salientou Lília Rosmaninho. Esta psicóloga/coordenadora adiantou que a Associação recebe

constantemente pedidos de internamento de alunos; no entanto, não tem capacidade de resposta por falta de instalações. Neste sentido, Lília Rosmaninho adiantou que a APPACDM vai proceder à construção de uma unidade residencial de raiz, na Costa do Váldo, o projecto já está pronto, faltando agora a resposta das entidades competentes.

No âmbito das novas infra-estruturas da APPACDM, encontra-se em construção, ao lado das instalações da Associação em

Azurua, um Centro de Actividades Ocupacionais (CAO), destinado aos alunos com menos capacidades e com lotação para 30 elementos. As obras, que se encontram em curso desde 1994/95 e que estiveram paradas sensivelmente um ano, ainda não têm data prevista de conclusão.

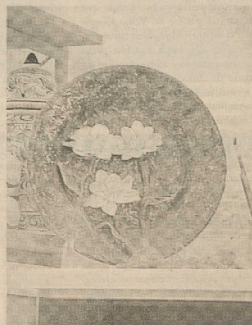
Entretanto, e no âmbito da formação, está ainda previsto a construção de duas estufas – dependentes da aprovação da candidatura de formação profissional – e de um pavilhão para reciclagem.



Pré-profissionalização no atelier de cerâmica



O acordo é o «pontapé de saída» da APPACDM



Peça em cerâmica produzida no atelier

sma

serviços municipalizados de aveiro

REMODELAÇÃO DA REDE DE ABASTECIMENTO DE ÁGUA

Os Serviços Municipalizados de Aveiro, informam que estão a proceder à remodelação da rede de abastecimento de água na Rua Dr. António Cristo (ver mapa) desde o dia 18 de Janeiro de 1999, entre o período das 8:30h às 17:00h.

Recomenda-se, pois, que sejam tomadas, pelos munícipes, as medidas preventivas convenientes e agradáveis, antecipadamente, toda a compreensão e apoio dispensados.



Aveiro, 14 de Janeiro de 1999

O Director-Delegado,

Eng. António Helena Martins Canas

As "Antilook" em Aveiro



A girlsband portuguesa, Antilook, esteve em Aveiro, onde procedeu à entrega do automóvel à contemplação do concurso "Prémio de Sonho" efectuado no Natal e promovido pelo mais recente espaço comercial da cidade, o Forum Aveiro.

Agenda

(20 a 27)

Dia 22

-CONFERÊNCIA DE IMPRENSA da Comissão Política da PSD de Ovar, me que será apresentado o balanço da gestão autárquica de 1998. A sessão tem lugar no sede concelhia do PSD de Ovar, pelas 18:00h.

-SESSÃO ORDINÁRIA da Assembleia da Freguesia de Azeiteiros pelas 21:00h, no Centro Social e Cultural de Azeiteiros, no Bonifácio. Do ardem de trabalhos consta a leitura e aprovação da acta da sessão anterior; e apresentação, apreciação e votação, pelo Junta de Freguesia, do Plano e Orçamento para 1999.

-VISITA do secretário de Estado da Indústria e Vagos. A chegada ao Núcleo Empresarial local está prevista para as 10:30h.

Dia 23

-DATA DE INÍCIO da apreciação e inquérito público referente ao Projecto e Regulamento do Plano de Urbanização da Cidade de S. João da Madeira. A entrega de observações e sugestões sobre as disposições deste regulamento serão apresentadas por escrito nos serviços administrativos do Departamento de Gestão Urbanística, na Câmara Municipal, durante a hora de expediente.

Dia 25

-INÍCIO DO ESTAGIO de teatro e pantomima, orientado por Stephen Johnston, da Companhia Teatro ao Largo. As acções decorrem em Agueda, na Fundação Dionísio Pinheiro, entre as 20:00h e as 24:00h e incluem a atribuição de papéis aos participantes de noções práticas ao nível da pantomima, da mímica, da expressão facial e da comunicação pelo gesto. A iniciativa é desenvolvida em parceria pela "Id'Orfeu" e pelo "Viv'Arte", de Oliveira do Bairro.

Dia 27

-CONCERTO pelos professores do Conservatório de Música de Agueda. A iniciativa, que pretende assinalar os cinco anos de vida do instituto, terá lugar pelas 21:30h, no auditório Armando Santos. O programa conta com a interpretação de obras dos mais importantes compositores do Barroco, Clássico e Romântico, até aos nossos dias.

-DEBATE sobre o tema "A Mulher e o Poder", com a presença de Pacheco Pereira e António Arnaut. A palestra realiza-se no auditório do Departamento de Ambiente e Ordenamento, pelas 21:30h.

Novo serviço para acabar com as falsas urgências

Já está a funcionar, desde a passada terça-feira, o serviço de pré-urgências, no Hospital Distrital de Aveiro (HAD). E a resposta da Administração daquele estabelecimento de saúde ao caos que se vinha instalando no banco de urgências, pelas mãos dos médicos de serviço passava, diariamente, cerca de 350 utentes. Uma situação que, de resto, se repete um pouco por todos os hospitais do país. E de pouco valem as constantes campanhas de sensibilização que, insistentemente, alertam em cartazes de letras gordas: "O Serviço de Urgências destina-se exclusivamente ao atendimento de situações emergentes". Uma situação que se agrava nesta altura do ano, propicia às gripes e dores de

garganta. É que, reconhece Rui de Brito, presidente do Conselho de Administração do Hospital de Aveiro, nem sempre os médicos de família estão disponíveis e nem todas as localidades dispõem de SAP's (Serviços de Atendimento Permanente).

Assim, a partir de agora, os doentes que se dirijam ao banco de urgências do HAD serão sujeitos a uma consulta prévia. Trata-se de «um serviço de consulta efectiva que visa à selecção prévia dos utentes», evitando, por um lado, as longas filas de espera para os casos menos graves, e por outro, possíveis atrasos no atendimento dos casos realmente urgentes. A medida, agora implementada, não implicou qualquer

aumento de pessoal, apenas exigiu «uma melhor organização dos meios disponíveis». Esta nova forma de atendimento deverá permitir um decréscimo de cerca de 60% de consultas na estrutura interna do serviço de urgências. Daqui por 15 dias será já possível avançar um balanço provisório deste novo modelo de atendimento.

Mudanças e novidades

Com a concretização desta alteração ao funcionamento do banco de urgências, ficará, em princípio, sanada uma das principais preocupações de Rui de Brito. A próxima meta é abertura da Unidade de Cuidados Intensivos

Polivalente (CIP), dependente de algumas questões de pormenor, facilmente ultrapassáveis, as obras na cozinha do HAD e outra grande necessidade assim como a transferência da patologia clínica para a actual área reservada à lavandaria.

A Administração do Hospital faz votos também que se resolva, muito em breve, a eventual permuta com a Câmara, dos Armazéns Gerais com o ex-Centro de Saúde Mental, de São Bernardo. Entretanto, outras questões foram já resolvidas: os salá-



Pré-urgência já está em funcionamento

rios dos médicos foram aumentados, procedeu-se à contratação de maqueiros e criaram-se áreas independentes para homens e mulheres. O Hospital de Dia de Oncologia também já está pronto para abrir portas, o que vai acontecer no próximo dia 15 de Fevereiro.

Estaleiros de S. Jacinto

Administrador explica causas de acidente

Morreram três homens, no passado dia 12, vítimas de intoxicação nos estaleiros de S. Jacinto. Os trabalhos de soldadura que estavam a ser efectuados no navio "Manóla" provocaram um incêndio no isolamento e a combustão do poliuretano acabou por ser fatal para três trabalhadores. O acidente provocou mais cinco feridos, também vítimas de intoxicação.

Como explicou João Jorge Santos, administrador dos Estaleiros de S. Jacinto «o trabalho que estava a ser realizado é muito perigoso.

E há dias de azar para qualquer empresa. De início, pensei que tinha sido negligência de alguns dos trabalhadores, mas quando tomei conhecimento de tudo, percebi que não. Tinha todos os equipamentos necessários à mão e só não conseguiram evitar a tragédia porque tudo aconteceu muito depressa».

Na opinião do administrador da empresa, o facto de o navio já ter 25 anos de idade e de os trabalhos estarem a ser realizados junto à cozinha podem ter contribuído para a rapidez com

que o acidente aconteceu. «A zona da cozinha podera ter gorduras, o que conduzia a uma maior acção do incêndio. Por outro lado, os trabalhos de soldadura estavam a ser realizados no exterior do navio, mas dentro estava outro trabalhador, com um extintor pronto a actuar em qualquer situação de emergência. O primeiro cordão, que é, normalmente, o que oferece mais perigo, correu muito bem. A soldadura do segundo, menos perigoso, desencadeou o incêndio... O trabalhador ciente de que as coisas esta-

vam bem afastou-se», concluiu João Jorge Santos.

O poliuretano é um gás muito tóxico e que larga um fumo muito escuro, o que impediu que os trabalhadores conseguissem encontrar a porta.

O inquérito está a ser realizado pelo Ministério do Trabalho, «como é costume em acidentes de trabalho. Provavelmente, não viemos a ter conhecimento dos resultados, porque são só oficiais. Os trabalhadores foram socorridos dentro do tempo possível e houve mesmo duas pessoas cheias de boa-

vontade que procuraram socorrer os sinistrados».

«As famílias vão receber as respectivas indemnizações, relativas ao seguro», assegura o administrador dos Estaleiros. «Há coisas que não se evitam e ninguém mais do que eu lamenta o sucedido. E se pensarmos que eram trabalhadores experientes - o mais novo na empresa tinha 15 anos de experiência -, percebemos que há dias de azar. Eram excelentes trabalhadores e excelentes pessoas de quem eu gostava», remata João Jorge Santos.

3º Campeonato do Mundo

Kayak-Polo em Aveiro com balanço positivo

Para a Comissão Executiva do 3º Campeonato do Mundo de Kayak-Polo reunida em Aveiro, no passado semana, para apresentar o relatório de actividades, contas e cessação de funções. A organização fez um balanço positivo da prova, que envolveu directamente mais de 600 pessoas, entre atletas dirigentes, organizadores, empresas, colaboradores e

voluntários.

Apesar das contrariedades, a comissão executiva, constituída pela Câmara Municipal de Aveiro, Federação Portuguesa de Remo e um oficial técnico, concluiu que «Portugal esteve à altura da confiança depositada pela Federação Internacional de Canoagem ao responder a todas as exigências inerentes aos regu-

lamentos internacionais».

O 3º Campeonato do Mundo de Kayak-Polo em Aveiro envolveu um orçamento global de 135 mil contos, gastos na organização do evento e na realização de obras de beneficiação e adequação no complexo municipal de piscinas.

Gonçalo Fonseca, da comissão executiva, garantiu que «o orçamento foi, basi-

camente, cumprido em todas as parcelas», registando-se um passivo de 16 mil contos; um valor que corresponde a dívidas a liquidar junto de 8 empresas que participaram na organização do campeonato que, com a cessação de funções da comissão, será assumido pela Federação Portuguesa de Canoagem e pela Associação de

Canoagem de Aveiro.

Credibilizar a canoagem portuguesa em geral e, em particular, o Kayak-Polo, assim como fomentar a prática da modalidade desportiva e projectar a cidade de Aveiro como capital dos desportos náuticos, eram os principais objectivos deste Campeonato de que, segundo a comissão executiva, foram cumpridos e superados.

"cada rua... sua história"

Rua do Eng^o Von Hafe

A Rua do Eng^o Von Hafe – antiga Rua de Ornelas – nasce, a norte, do entroncamento com a antiga estrada real (actualmente, neste trecho, Rua do Carmo) numa articulação perpendicular e, daí, desenvolve-se numa linha que procura um regular alinhamento urbano quase até dois terços do seu comprimento, quando flecte em descida suave sobre a direita, ao encontro da "Avenida", como é conhecida popularmente a avenida de Lourenço Peixinho. Partindo do antigo nome, pode-se adivinhar parte da sua antiguidade, esboçada que anda pelas centúrias de Seiscentos e de Setecentos. De resto, no topo desta rua mas com a fachada principal para a Rua do Carmo, subsiste ainda uma casa de grande sobriedade e boa confeção que se deve reportar ao final do século XVIII ou, quando muito, aos primeiros anos de Oitocentos, merecedora de enquadrar os roteiros de arquitectura antiga da cidade. Não importando ao caso os pormenores da sua vivência recente, registem-se dela algumas memórias de um passado mais recente que perdurará, por certo, na mente de muitos que viveram num contexto de Estado Novo.

De facto, particularmente pelos anos 60 a 70 – os que mais nos marcaram, ali funcionou o Distrito de Recrutamento Militar – o fagimagero DRM, a par com outras repartições de tipo militarizado. Ali, então, sargentos e cabos-lateiros, barrigudos e arrogantes, de bigodes retorcidos espraçados em face vermelhusca, enfarpelados nas fardas lustrosas de um exército desmobilizado, recebiam de olhar sobranceiro os manobres de entre os 18 e os 25 anos, dando-lhes tratamento

demolidor pouco ajustado à sua qualidade de cidadãos portugueses. E o mesmo se passava se se pedia qualquer licença militar para o que quer que fosse ou um simples papel comprovativo de nada... Aquilo é que era uma eficácia!

Por razões de um crescimento integrado na época, por ali passámos também os nossos maus bocados resultantes da burocracia militar e do mau génio de alguns militares de ocasião, frustrados na sua realização pessoal e profissional. Mas, não havia volta a dar-lhe, era assim, naquele tempo, a menos que algum amigo nos valesse ou algum papel fosse passado entre mãos para que fizesse correr os papéis...

Mas, voltemos à rua que, parecido à partida ser uma artéria sem grandes questões, desde logo uma primeira se levanta pela atribuição do nome, o qual parece andar um tanto esquecido na memória dos averseinos. De verdade, o Eng^o Von Hafe merecia que o não esquecessem e, neste campo – e muito bem!, a homenagem pública consagrou-o na toponímia. Afinal, era o mínimo que poderia fazer-se por quem teve que resistir, com coragem e muita firmeza de carácter, às graves acusações públicas de contrários e de interesses mesquinhos. Ligado por largos anos à abertura da Barra, deu neste campo valiosíssimos contributos à



A bela casa de Arte Nova, construída por José de Pinho para sua filha.

cidade e à região, devendo-se-lhe uma boa faria da responsabilidade na configuração das obras da barra, tal como chegaram até nós. Por tudo isso, que foi muito e muito, "o Governo louvou o sr. Von Hafe pelos bons serviços prestados à nação durante longos anos de trabalho probo e fecundo, e no especial devedor pelos serviços prestados no porto de Aveiro" (Rocha e Cunha).

Outra questão tem a ver com a adequação deste espaço urbano, já que se têm reajustado os alinhamentos numa perspectiva de rua larga que se procura cada vez menos sinuosa, depois que, pela década de 70, ali se foi construindo casario de tipo universal, com prédios de "caixotes" mais ou menos semelhantes, sem grande respeito pelas vivendas que ainda por ali existiam, alguns das quais, só por si, mais pareciam postais ilustrados dos tempos da *belle époque*, quando esta rua, a dois passos do coração da cidade, se converteu em espaço nobre de apoio à "avenida".

Dessa época, com toda a justiça pela qualidade, releva-se uma casa arte nova de fino recorte plástico, verdadeira obra de arte do mestre cenográfico que foi Zé de Pinho, concebida e concretizada com carinho para sua filha. Os recentes enquadramentos decorrentes da implantação do Hotel vieram alterar-lhe a leitura global. Mas retive-se o essencial, devendo nós todos dar graças a Deus por se não ter verificado mais uma das irremediáveis perdas do património averseino...

Mais adiante e do mesmo lado, onde havia duas "casas portuguesas", restou apenas uma das fachadas

reconstruída em fantasia decorativa, mais como suporte de marketing do que como acção consciente e respeitadora dos padrões estéticos que a enformaram pelo princípio do nosso século. É que, na verdade, a confeção da "casa portuguesa", na pureza do seu estilo e tal como a definiu o grande arquitecto Raul Lino, exigia enquadramentos e alinhamentos que se não compedecem com maqueação de estilos... Mas não choremos sobre o leite derramado!

É que, bem vistas as coisas – e nós também o compreendemos, nem sempre é fácil de conciliar o sonho de um andar espaçoso, de luxo e conforto, com as exigências do bem público e dos valores tradicionais... Só que a cultura de um povo e os valores de cada região ou cidade são um valor de todos e, por isso, como tal devem ser respeitados.

À esquerda, antes de descer e em recanto acolhedor que já cheira a nostalgia, resta ainda um enquadramento de antiga casa de feição rural, revestida a azulejo conforme a tradição averseina, o que é já raro no espaço da cidade. Até quando resistirá ela?

Por último, diga-se que globalmente esta rua, praticamente inserida no centro urbano, mantém ainda um certo carácter intimista, embora o trânsito comum e o estacionamento por vezes anacrónico demonstrem o contrário, sobretudo em certos dias do mês, quando apertam as contas à EDP. Conventhamos, não se pode ter tudo. Afinal, dobrada a passagem arduea, estamos a meio da "avenida"...

O Primeiro 4★ da cidade...



Salas para reuniões
formação, exposições
congressos
Condições especiais
para empresas

66 quartos, 2 suites
Ar condicionado individual
Telefone com acesso directo
TV satélite
Cofre individual
Bar e Sala de Jogos
Garagem privada

Rua Eng. Von Hafe, 20 - 3800-176 AVEIRO
Telefone: 034 384640 - Fax: 034 384258
Net: <http://www.haldominio@hotelasamericas.com>

restaurante

Galletas Douradas

o seu RESTAURANTE
das especialidades brasileiras

Rua Eng. Von Hafe - Tel: (034) 27401 - 3800 AVEIRO

Estorreja

Meio milhão de contos transformam comércio tradicional Apresentado hoje o Projecto de Urbanismo Comercial

O Projecto Especial de Urbanismo Comercial de Estorreja é apresentado hoje, pelas 21-30h, no salão nobre da Câmara Municipal. Desenvolvido no âmbito do PROCOM, este projecto engloba um investimento total de cerca de meio milhão de contos, que serão aplicados na reconversão do centro da vila, criando um espaço comercial a céu aberto nas praças e ruas daquela localidade. Trata-se de um projecto integrado que consagra investimentos de origem urbanística da responsabilidade da Câmara Municipal; e de origem comercial da responsabilidade dos empresários com estabelecimentos na Área de Intervenção (AI). Esta zona compreende a Praça Francisco Barbosa, Largo Combatentes da Grande Guerra, Rua Souto Alves, Avenida Visconde Salreu, Rua Manuel I e Rua Desembargador Correia Teles.

A modernização do aparelho comercial — que

engloba o comércio, restauração, estabelecimentos de bebidas, lavandarias, e cabeleiros e gabinetes de estética, num total de 127 estabelecimentos —, a renovação urbanística, a criação de uma imagem de marca do comércio tradicional, a implementação de um programa de divulgação comercial e de um programa de animação e dinamização de actividades de ruas, constituem os objectivos gerais do plano de intervenção.

Esta intervenção tem por base a resolução dos problemas que mais afectam a área de intervenção, entre os quais se destacam a falta de lugares para estacionamento automóvel, a exiguidade de espaço para exposição dos produtos comercializáveis, o espaço de atendimento ao público pouco acolhedor e a carência de mobilidade urbana — iluminação pública.

O investimento por estabelecimento, no âmbito do PROCOM, deverá ser

igual ou superior a 30 mil contos, sendo apoiados os projectos que visem à qualificação e modernização dos pontos de venda, introdução de novas formas de venda/franchising, criação e desenvolvimento de serviços pós-venda, especialização na comercialização de produtos, redimensionamento do ponto de venda (com aumento da área e melhoria da imagem), recuperação de fachadas dos estabelecimentos, aquisição de equipamento de exposição e decoração e de apoio à gestão, elaboração do projecto de investimento e arquitectura, e integração de quadros técnicos.

O Projecto de Urbanismo Comercial contempla apoios financeiros a projectos de investimento promovidos por empresas legalmente constituídas e cuja actividade se enquadra nas expressões no aparelho comercial. Para além dessas, são também objecto de apoio os projectos promovidos por empresas,

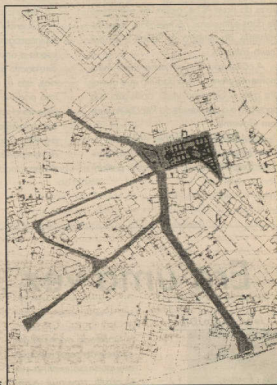
cujas actividades principais estejam incluídas nas divisões referidas que revistam a forma de cooperação empresarial.

Os apoios financeiros à recuperação e revitalização

dos espaços de comércio tradicional variam conforme a candidatura seja classificada como "Forte" ou "Média", dependendo ainda do montante da subvenção financeira do recurso

ou não à banca para concretização do objecto da candidatura.

As candidaturas ao Projecto de Urbanismo Comercial decorrem entre Março e Junho.



Área de intervenção

- Praça Francisco Barbosa
- Largo Comb. Gr. Guerra
- R. Dr. Souto Alves
- Av.º Visconde de Salreu
- R. Dr. Alberto Vidal
- R. D. Manuel I
- R. Desemb. Correia Teles

Ambimed aguarda parecer da Câmara

O último de Vladimiro Silva, presidente da Câmara de Estorreja, feito à Ambimed, face à saída dos lixos hospitalares da estação de transferência, ficou suspensa depois da reunião entre o presidente da Câmara e Telmo Morna, director-geral da empresa.

Na reunião, realizada na passada segunda-feira, a Ambimed rebateu as acusações que lhe eram imputadas. Como explicou Telmo Morna, «não existe má vontade da Câmara de Estorreja, mas apenas desconhecimento de alguns parâmetros do processo que é novo em Portugal». A situação precisava de ser esclarecida, na medida em que, «é importante salientar, as acusações de ilegalidade não eram verdadeiras. E foi isso que provimos ao senhor presidente da

Câmara». O parecer definitivo da Câmara de Estorreja será dado em reunião, ainda sem data marcada.

Segundo o director da Ambimed, «era preciso esclarecer os mal-entendidos. Isto porque existe legislação específica que prevê o licenciamento de estações de tratamento de lixos hospitalares. No entanto, relativamente às estações de transferência a lei é omissa. Daí que se tenham levantado alguns problemas de ordem processual».

No Barreiro está licenciado o Operador de Gestão de Resíduos e toda a documentação permita, implicitamente, a existência da estação de transferência de Estorreja, onde os seus resíduos hospitalares são armazenados um dia e meio a dois dias, para poderem recolher a quantidade

de suficiente e depois seguirem para o Barreiro, em contentores próprios e seguros. Do Barreiro seguem para Estorreja de novo, mas desinfectados e sem qualquer perigo para a população. Nós não pomos lixo em Estorreja; tiramos de lá o lixo», afirmou Telmo Morna.

A posição da população explica-se, «pela falta de conhecimento das pessoas. Por isso, à semelhança do que acontece no Barreiro, já convidamos a Câmara de Estorreja a nomear uma Comissão de Acompanhamento, gerida pelas pessoas da comunidade», adiantou, ainda, o director da empresa Ambimed.

Por tudo isto, Telmo Morna nega a ilegalidade da sua empresa e a política de secretismo. «Temos tudo legal e não queremos esconder nada de ninguém, porque não temos nada a esconder. E foi isso que provimos ao dr. Vladimiro Silva». O director-geral da empresa Ambimed está optimista quanto ao parecer da Câmara, na medida em «provimos que não estamos ilegais e apresentámos toda a documentação necessária».

Ovar Museu comemora 36 anos de existência

O Museu de Ovar celebra amanhã o seu 36.º aniversário. A data será assinalada no domingo, pelas 11 horas, na igreja matriz de Ovar, onde será celebrada uma missa pelas almas dos "Amigos" e dirigentes do museu já falecidos, a que se seguirá uma romagem ao cemitério. Entretanto, de referir que o Museu continua encerrado ao público, por motivo de obras de restauro e manutenção, actualmente em curso. No âmbito das comemorações dos 500 anos da chegada de Vasco da Gama à Índia, o artista plástico Marcos Muge ofereceu ao Museu um conjunto de placas cerâmicas que elaborou para assinalar a data, nas quais sobressaem os motivos do percurso da viagem. Para além desta oferta, o Museu de Ovar recebeu ainda o quarto a óleo sobre tela "Vista da Ponte João Arens", de Pedro Lagarto. Uma peça única e original que fez parte da última exposição de trabalhos do pintor, no referido museu.

Do alto do Carmo

O Mundo não acaba.

Vitor Sequeira



Os encontros e desencontros da política portuguesa obrigam-me a voltar ao tema da greve dos médicos, agora que ela terminou.

Como sabemos, a chamada greve "self service" terminou no dia seguinte a um apelo público do presidente da República, a duas intervenções contundentes dos líderes da nova AD e, ainda, na sequência de duas entrevistas na televisão, respectivamente, da ministra da Saúde e do primeiro ministro.

A conclusão que um observador minuciosamente atento tirava daquilo que ouviu, era que o Governo virou oposição e a oposição e o presidente da República viram Governo.

Com efeito, as reacções enérgicas de quem tinha a obrigação, por que tem mandato dos portugueses, para atacar a situa-

ção, não se viram no Governo e viram-se na Oposição.

Quem tinha o direito moral de deixar andar, na medida em que isso representa um desgasto do Governo e a consequente trunfa eleitoral, é que resolveu assumir a confrontação.

O mesmo se pode dizer, em certo sentido, da intervenção do senhor presidente da República, que foi solidário como devia, "mais do que permitia a força humana" na expressão do Poeta.

Este facto revela, inequivocamente, que o Governo tem dificuldade em decidir e também tem o medo de o fazer perante situações complicadas.

Vejamos:

Quando a senhora ministra da Saúde foi interrogada quanto ao facto de não ter usado o arma da requisição civil, respondeu aquilo que é hábito nestas circunstâncias, isto é, que é o último recurso, que isso poderia provocar a reacção em cadeia da classe médica, que, enfim, pada ser aproveitada pelos inimigos do direito à greve - mas não disse quem eram - para descaidear, no País, uma contestação generalizada a este direito.

É sintomático que, numa situação de rara unanimidade política e social, em que tudo e todos, rigorosamente, jogavam com o Governo: órgãos de soberania, partidos da Oposição em bloco, sociedade civil em geral, imprensa, a própria maioria classe médica, todos jogavam com o Governo, dizia, e tenha sido efectivamente o Governo, o único a revelar medo e incapacidade de decidir.

Não foi, porém, essa a única manifestação de medo em assumir posições.

O isolamento a que o ministro do Ambiente foi votado durante o processo das leixões, só amparado à última hora pelo novo bombeiro de serviço, o ministro António Costa, já que parece que o Ministro Jorge Coelho se cansou de o ser - só aparece agora a inaugurar quartéis e entregar viaturas às forças de segurança - é também revelador das dificuldades do Governo em matéria de decisões difíceis.

Algum viu o primeiro ministro na crise das leixões?

Apesar destas dificuldades evidentes temos bem a consciência de que o Governo não está excessivamente desgastado.

Pareceu-me que os líderes da Oposição intervieram, não na sequência de um impulso inelutável da sociedade portuguesa, mas pela convicção de que tinham de fazer ou dizer alguma coisa, e efectivamente tinham.

Pareceu-me que o Governo conseguiu passar ao lado desta crise sem grandes estragos, apesar de tudo, sem passos pelas crises do aborto ou da regionalização.

De outro modo, como explicar tanta passividade da sociedade civil portuguesa, se imaginamos aquilo que seria se o Governo não fosse do PS, mas sim outro que se confrontasse com idêntica situação?

E por estas razões que penso que o ciclo de vida útil deste Governo ainda não chegou ao seu fim.

Também pelas razões inversas, estou convencido de que o Governo não alcançará a maioria absoluta, porque há seguramente uma falta do eleitorado, que já percebeu estas incapacidades e não se mostra mobilizada para reforçar o Governo.

E, ainda por estas razões - devem-me

especial - conjugados com factores de outras naturezas, que penso teremos eleições intercalares em meados do próximo mandato.

São ciclos políticos que se fecham e abrem e o mundo não acaba por isso.

Politicamente incorrecto

Era uma vez uma ponte

João Pedro Dias



Como todas as histórias, também esta poderia começar com um single "era uma vez....". Desta feita, era uma vez uma ponte, uma ponte imaginária, ambição sonhada por uns quantos, que ainda não existiu, que

a realidade aconselhava a que não se acreditasse que pudesse existir a curto prazo, mas que, ainda assim, já era suficientemente importante para dar que falar. Era uma espécie de ser que ainda antes de ser já era. Como tudo aquilo que se presume importante; como tudo aquilo que se julga poder mudar a vida dos homens, das populações, dos povos. Esta nossa ponte, refira-se, estaria condenada a ligar ao lado de cá o lado de

lá e vice-versa. Esclareço-se que da lado de cá fica Aveiro; e logo se percebe que o lado de lá é a distante freguesia de São Jacinto. E então logo se percebe, também, que a nossa ponte, personagem central desta nossa história, foi aquela mesma que motivou público e acalorado - sejam contidos nos palavras - debate entre o Presidente da Câmara Municipal de Aveiro e o líder de um dos partidos da oposição na Assembleia Municipal. A

contenda, pela virulência atingida, não deixou de surpreender - mesmo aqueles que observam mais de perto e mais atentamente o que se vai passando na nossa vida política. Sejam os realistas: não é de hábito, não tem sido prática corrente, um Presidente de Câmara, nessa qualidade, sustentar posições públicas em defesa das suas opções; se este episódio constitui uma alteração de posição e de prática, louve-se a intenção sem que

possamos subscrever o estilo. Mas sempre será bom que, de quando em vez, publicamente e em letra de forma, o senhor Presidente da Câmara vá dizendo de sua justa posição sobre os principais assuntos da gestão corrente do nosso município. O que digo escrito fica - e palavras ditas levam o vento. Só que, nesta contenda, ou muito nos enganamos ou a nossa ponte não foi mais do que um simples pretexto para um debate político que, inevitavelmente, virou e que, por mero acaso, terá eclodido mais cedo do que aquilo que os seus

interventores e os seus actores pretendiam que surtisse.

Se assim é, serão bom que liquessem a tentar. A acreditar na amostra, a coisa promete. Que ninguém acredite que em Aveiro se passará ao lado das questões de política nacional que vão desportar. O que terá o mesmo vantajoso de ajudar a esclarecer quem está com quem e quem está do lado de quem. E, ou muito nos enganamos, ou algumas surpresas poderão acontecer. A ver vamos... como acaba a nossa história que começou por ser a história... de uma ponte.

Ficha técnica

CAMPEÃO
das províncias

Propriedade



FEPACAP

Fundação para o Estudo e Desenvolvimento da Região do Alentejo

Aparrado 292
3811-901 Aveiro
Tél. 034 23045
Fax 034 381406

Conselho de Administração:

Presidente: João Pedro Soares Dias. Administração:
Amaro Ferreira Neves, Armando Teixeira Carneiro,
Fernando Gonçalves Ramos, Jorge Carvalho Almeida.
URL: <http://www.fedaveiro.pt>
E-mail: icsa@mail.telecap.pt

Direktor

Lito Virelh
Conselhor Editorial:
Costa Carvalho

Direção Artística

Inkbylinx: Jorge Vieira Vaz, Francisco Cardoso Lima
Paginação e Maquetagem:
Hélker Moniz

Redação

Daniela Sousa Pinho, Maria Reis, Paula Viterina.

Telefone 034 386106 / Fax 034 386108

E-mail: opinionista@hotmail.com

Colaboradores:

Amaro Neves, Américo Grego, Armando Teixeira Carneiro, Eduardo Maia, Emília Sara, Fausto Ferreira, José Duarte Relvas, João Pedro Dias, Jorge Henriques, José Manuel Nunes, Luís Cruz, Manuel Ferreira Rodrigues, Manuel Guedes, Manuel Paulo Dias, Maria Cecília Miranda, Maria Emília Carvalho, Paulo Ramos, Paulo Ravara, Vitor Sequeira.

Sede e Recepção de Publicidade:

Rua João Montenegro, 17-2º

3800-290 Aveiro

Serviço Administrativo:

Paula Rodrigues

Departamento Comercial:

Carla Albuquerque, Helena Valente, Sílvia Lenoso.

Telefone 034 385787 / Fax 034 386106

Impressão:

Centro de Impressão Cascais.

Distribuição Vap.

Tiragem: 6.000 exemplares.

Registo

SRP nº e nº 222567

ISSN:

0874 - 3622

Depósito Legal

nº 12744/998

Preço de cada número: 100\$00 / 0,50€

Assinatura Semestral: 2.500\$00 / 12,50€

Assinatura Anual: 5.000\$00 / 25,00€



Contra o esquecimento

Manuel Ferreira Rodrigues



Bombas de Natal

O Cuito foi (mais uma vez) bombardeado no Natal. Seguiu-se Malange. Mais de 200 mortos. Mais de dois milhões de angolanos, sem alimentos nem medicamentos, em abrigos. E uma queda misteriosa de um avião da ONU. Enquanto, no Huambo, uma mina mata 17 pessoas e fere 14. Eram, na sua maioria, mulheres e crianças.

Sem-abrigo portugueses em Madrid

O terceiro maior grupo dos sem-abrigo de Madrid que recorrem aos albergues e serviços de assistência municipal do capital espanhol são portugueses. Na sua maioria ho-

mens. Segundo um responsável da Câmara Municipal de Madrid, trata-se de um colectivo muito importante, logo ao seguir ao conjunto dos cidadãos provenientes da Europa de Leste e dos Africanos, embora se desconheça o volume total da capital espanhola. O elevado número de cidadãos portugueses justificou a sua autonomia estatística face aos restantes cidadãos da União Europeia, que surgem agrupados num item separado e ocupam o quinto lugar. Esses deserdados da vida recorrem aos apoios da edilidade madrileña, especialmente agora que se fazem sentir os rigores do Inverno.

Além do apoio alimentar concedido pelos albergues, o Município de Madrid mantém algumas estações do metro abertas durante a noite. Paradoxalmente, durante o dia, os mendigos (nome «técnicos» dado aos deserdados das sociedades urbanas) são afastados da passeio público

por «raídes» da polícia.

Número indeterminado de mortos em Freetown

A guerra sem fim à vista que trava na Serra Leoa semeia o horror, a destruição e a fome. As televisões mostram um cenário dantesco de ruínas miseráveis, sem gente, peijas de corpos que são disputados por corvos e abutres. Barricados nas suas casas, os 63.000 habitantes de Freetown, a capital da Serra Leoa, podem morrer à fome porque o Programa Alimentar Mundial foi suspenso, dada a gravidade do conflito que opõe a sanguinária Frente Revolucionária Unido, do cabo Foday Sankoh (detido e condenado à morte), contra as forças governamentais. Deste modo, calcula-se que o êxodo dos habitantes da Serra Leoa para os países vizinhos (República da Guiné e Libéria) continue e venha a atingir brevemente o cifra de um milhão.

Massacre no Kosovo

As televisões difundiram o horror: 43 homens, 1 mulher e 1 criança foram cruelmente abatidos a tiro, em Racak, no Kosovo. William Walker, chefe da missão de verificação da Organização de Segurança e Cooperação da Europa (OSCE), viu com os seus olhos os corpos mutilados e assassinados. «Ao ver os corpos neste estado, sem rostos, despedaçados manifestamente por tiros disparados à queima roupa no cabeça — disse —, preciso de alguns minutos para saber a que vou dizer», acrescentando, depois, que aquelas mortes foram cometidas por «pessoas que não dão qualquer valor à vida humana».

Os corpos encontravam-se em casas, nos ruas e num carro encovado do qual aldeia. As agências noticiosas divulgaram alguns aspectos deste massacre: «numa das casas estava um homem dividido em dois; o cabeça totalmente desfiado estava

separado do corpo. Os olhos dele tinham sido arrancados e no cima do crânio lá estavam dois buracos». A polícia sérvia admitiu ter morto «vários dezenas de terroristas» albaneses. Não o diz, mas esta reacção constitui uma reticção pelo facto de um polícia sérvio ter sido abatido pelas milícias do Kosovo.

Contra a pena de morte

Anualmente são executados por vários aparelhos de Estado muitos milhares de pessoas. Segundo informações que correram na imprensa, o propósito da manifestação que há dias desfilou pelas ruas de Roma, promovida pela organização italiana Ningüem toque em Caim, e do apelo de João Paulo II para a abolição da pena de morte nesse país, diversos cartazes lembravam que no China são executadas todos os anos 4000 pessoas, 1500 no Iraque e 49 nos EUA.

Violença na Irlanda do Norte

Depois das tantas esforços para pôr fim a um conflito de mais de 30

anos, a violência e o ódio regressaram ao dia-a-dia da Irlanda do Norte. Alguns homens vestidos a rigor com o uniforme militar do IRA dispararam sobre os joelhos (knee-capped) de um homem de 33 anos deixando-o a sangrar fecho do no elevador, onde vive a morrer. O «crime» de Andrew Kearney, que na altura se encontrava em casa com a filha de dois anos na cama, foi o ter sentido a pancada, ao longo de dois anos, com homens do IRA. Os conhecidos «scagios» do IRA de tiros nos joelhos são frequentes. Este só não ficou porque teve um desfecho diferente. Segundo Vincent McKenna, do grupo Familia contra a terrar e a Intimidação, no ano passado, 121 pessoas foram baleadas ou espancadas por líderes pró-britânicos e 118 por católicos republicanos. 85% desses ataques ocorreram após a assinatura do acordo de paz.

Declaração Universal dos Direitos Humanos — ano 50.º

Art.º 3.º: «Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

A participação política conjugada nos dois géneros

Maria Emilia Carvalho



O conceito de democracia paritária nasceu em 1989 pela mão do então responsável pela Igualdade no Conselho da Europa, Claudette April.

Entende-se por democracia paritária a necessidade de uma participação equilibrada de ambos os sexos, em todas as instâncias quer política, religiosa, empresarial, militar ou cívica.

A Finlândia, a Suécia, a Noruega e a Dinamarca ter sido as primeiras países a entender que a ausência ou participação quáz se insignificante, em termos

numéricos, das mulheres na vida activa, significava um grave défice de democracia ao nível das instituições democráticas.

Foi a volta feminina que entrou a adesão da Noruega à União Europeia, porque entendiam as mulheres que a poder era detido por uma vassaladora maioria de homens, a quem entendiam não conferir o direito de tal adesão.

Apesar da lenta evolução sócio-cultural, e porque nem sempre é explicitamente expressa a solidariedade entre os próprios mulheres, justificada também pela ideia arcaica do «esfera privada», onde deveria decorrer a vida destas, o que é certo é que a diminuta participação das mulheres na vida política começa a incomodar todos aqueles que entendem que o mundo é dual: ou seja, tem um rosto feminino e um

rosto masculino. Não aceitar de facto esta realidade é permanecer num arcaísmo comparável a outros do bloco Médio, que não é mais sustentável para a construção de sociedades de progresso e de bem-estar. Aliás, insatisfeita-se hoje em projectos de sociedade que não sejam conjugados nos dois géneros, é querer insistir na manutenção de graves injustiças e empobrecer a dinâmica social dos nossos comunidades.

O argumento da compatibilidade (entenda-se, ausência de incompatibilidade) por parte das mulheres, abusivamente utilizado pelas detentoras dos poderes, é tão facilmente rebatível, que os homens e mulheres que querem respeitar a inteligência terão de rever. A título de exemplo, vejamos quem são hoje os maiores frequentadores de cursos universitários.

Mas, finalmente algo começa a mudar, nomeadamente, por força do artigo 109.º da Constituição da República Portuguesa, que promove a igualdade no exercício dos direitos cívicos e políticos e a não discriminação em função do sexo no acesso a cargos políticos.

É, por isso, que finalmente ouvimos falar das quotas de participação das mulheres e nos limites de poder. Vemos também com agrado que está prevista para breve a discussão na generalidade na Assembleia da República, da proposta de lei nº 194/VI por adequar processos que viabilizem a igualdade de participação. E não devem os cidadãos e as cidadãs deste país considerar paternalista a discriminação positiva a favor das mulheres, já que, para se ultrapassar séculos de preconceitos, há que, mesmo de uma for-

ma institucional, criar mecanismos de mudança cultural de modo a gerar uma nova mentalidade, não optando a possibilidade como algo inerente ao comportamento feminino. Aliás, não pode a «passividade» ser oposição das mulheres que, afinal, são mães, esposas e profissionais, isto só para referir alguns dos papéis sociais que garantem.

É igualmente com satisfação que assistimos ao debate e ao pedido de participação das Organizações Não-Governamentais, onde estão inscritas mais de 40 organizações de mulheres, num matéria a que todas têm respeito.

Para finalizar, gostaria de alertar para os direitos

das mulheres enquanto cumpridoras da função social da maternidade e ope- lar à criação de estruturas suficientes e adequadas, não tomando a maternidade de impedimento da participação activa das mulheres. Quem sabe se não estamos próximo de uma nova revolução, com tra- dição prática na vida real, conferindo-se maior responsabilidade activa igualmente gratificante e incentivando-se o direito de paternidade. Questão de interesse, a merecer reflexão, parece-me, e a abrir novos horizontes nos conceitos de masculinidade e de feminidade, numa perspectiva de maior felicidade para o homem e para o mulher.

Paulo Santos advogado

R. Marques Gomes, 22 - 1.º
Tel. 034 382063 - 3800 Aveiro

PROJETOS
ENGENHARIA

Av. do Mercado, 5 - 1.º D.º
Tel. 0936 851783
3800 Aveiro

Artesãos

Moliceiros em cerâmica

Fausto da Silva Marques Ferreira tem 58 anos. Gosta do mar e da praia, principalmente da Torreira. E é o mar e toda a tradição do litoral que o inspira nos seus trabalhos. Por isso, dedica grande parte dos seus dias a fazer moliceiros. Mas são moliceiros diferentes. Ao pitoresco barco da ria de Aveiro, Fausto Ferreira acrescenta a forma como entende aqueles barcos, e em vez das tradicionais piadas, das senhoras e dos senhores pintados nas proas, aparecem cenas da praia, casais abraçados a ver o mar, crianças ao longe a brincar.

Daniela Sousa Pinto

Fausto Ferreira trabalhou durante toda a sua vida em duas empresas. Entretanto, ficou desempregado e teve que arranjar maneira de sobreviver. «Abri, em sociedade, um café, mas as coisas correram mal e eu tive que abandonar este projecto, de que gostava muito e que me realizava.» Colocado numa situação difícil, teve que encontrar dentro de si a maneira de resolver o problema. «Estar desempregado é uma coisa horrível. Não tinha a mínima noção disso, até o azar me bater à porta. Uma pessoa fica completamente desorientada. Estar desempregado é como estar dentro de um quarto escuro e não saber onde está a saída.»

A vida nem sempre é fácil e Fausto Ferreira que, agora, entende as atitudes desesperadas das pessoas desempregadas, encontrou solução para o seu problema no seu talento. «Desde miúdo que tinha algum jeito para os trabalhos manuais, mas nunca me tinha servido disso, porque nunca tinha necessitado. Quando me vi afilto, comecei a pintar uma tela que os meus amigos compravam... para me ajudarem. Acontece que só pintar telas para os amigos não chegava. Arregajou as mangas e foi ao Instituto do Emprego e Formação Profissional inscrever-se num curso de olaria. «Aprendi a trabalhar na roda e consegui um subsídio que me permitiu montar a minha oficina. Não pago renda, porque os donos são meus amigos. Se tivesse que pagar renda... não sei se me aguentaria.

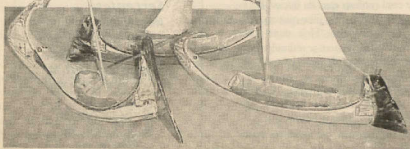
«É muito difícil viver do artesanato.»

Começou por fazer de olaria, mas, depois, passou a dedicar-se aos barquinhos.

Não ganha muito dinheiro, mas vai dando para os gastos. No entanto, está à espera de arranjar um emprego numa fábrica e «depois, continuo a fazer este trabalho de que gosto muito, mas só nos tempos livres. Viver disto é complicado. A vida está difícil...»

Fausto
muito

Ferreira gos-
dos seus



trabalhos, mas como exigem muito tempo, não consigo produzir muitos. «Não entendo muito bem como é que há pessoas a produzir quase em série. Eu trabalho cerca de 10 horas por dia e não consigo ver muito trabalho feito». Também é preciso ter em conta que todo o trabalho que envolve a feitura de um moliceiro, por exemplo, é muito. Para além da pintura - «e nenhum é igual ao outro» - há todo um conjunto de pormenores como as velas, os remos, etc., tudo feito manualmente. «Trabalhos muito minuciosos e que demoram muito tempo.

Apesar de nunca ter dado conta do seu talento é este que o tem servido nestes momentos. E para conseguir ter algum lucro tem que fazer muitos trabalhos. A última encomenda que realizou, para um cidadão espanhol, obrigou-o a trabalhar sábados, domingos e feriados, porque de outra forma não podia responder ao pedido. «E não ganhei muito dinheiro, porque, fazendo as contas às horas do trabalho e aos custos que, todo o negócio, acaba, não foi nada por aí além.»

Já fez algumas exposições, uma na Feira de Artesanato da Região de Aveiro, juntamente com a Cooperativa de Artesãos «A Barrica» de que é membro, e outras numa loja de pessoas conhecidas. «Para fazer uma exposição sozinho na FARAV precisava de ter uma grande quantidade de trabalhos em armazém, o que não acontece.

O artesanato não é caro. «Mas há quem finja fazer artesanato e há quem faça artesanato.

«Não me importava de dar cursos»

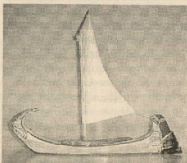
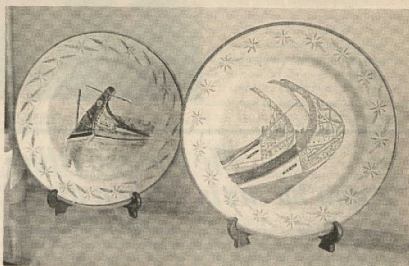
Os seus trabalhos são escoados, na sua grande maioria, pelas câmaras municipais. «Tenho vendido para a Câmara de Estarreja, Murtosa, Aveiro e, também, para a «Simria». Mas não consigo produzir grandes quantidades; falta-me o tempo. Tenho dificuldade em ter peças suficientes para as colocar noutras lojas.»

Ensina, não está fora de questão e até já se ofereceu na Câ-

mar, mas sem resultado. «Tenho aqui dois rapazes durante as férias, e um menino deficiente que vem para aqui para se ocupar e aprender a fazer algumas coisas. Não me importava de dar cursos. Mas depende se eu voltar a estar empregado, posto, ou não, estar disponível. Tudo depende daquilo que a vida me reserva.»

Todo o trabalho desde a criação até o trabalho estar completo, é feito por Fausto Ferreira. «Quando pretendo fazer outro barco, crio o desenho, faço o molde e, a partir daí, faço as quantidades que quero.

Depois, cada barco é pintado a pincel e nenhum é igual ao outro. A pintura dos moliceiros, por exemplo, é a forma como vê o mar e a praia. «Na pintura dos moliceiros há sempre um motivo ligado ao mar, mas não é o mesmo pelo cenário que os pintores de moliceiros utilizam.» Gosta do mar e da praia, principalmente da Torreira. «A Torreira é um lugar especial.» E é esse sentimento que procura colocar nos seus trabalhos. Gosta muito daquilo que faz, mas precisa de viver e o artesanato não o permite fazê-lo de forma desafogada.



«Falta-me o tempo. Tenho dificuldade em ter peças suficientes»

Achegas para a historiografia queiroziana (IV)

Eça de Queiroz em Verdemilho

«Já não se respeita a vontade dos mortos...»

Jorge Henriques

Às quatro e meia da tarde do dia 16 de Agosto de 1900, na sua residência da Avenida du Roule n.º 38, em Neuilly-sur-Seine, nos arredores de Paris, falecia Eça de Queiroz. As exéquias realizaram-se no dia 18 na igreja de Saint-Pierre daquela localidade francesa, com a presença de diversas individualidades ligadas à política nacional e às artes. Rocha Martins refere a presença do chefe do partido progressista, o azeiteiro Conselheiro José Luciano de Castro. O corpo do romancista permanece depositada naquela igreja até à partida para Portugal, embarcando o seu caixão a bordo do navio *África*, viagem que durou 4 dias, de 13 a 17 de Setembro. Em Lisboa uma comissão de jornalistas, com apoio do Governo Português, presidida por Hintze Ribeiro, organizou a recepção solene e o cortejo fúnebre. Ainda de acordo com Rocha Martins, Magalhães Lima que conheceu muito bem o romancista e era amigo da família, participou na sua organização.

Entretanto, de Paris terá chegado a notícia de que o cadáver de Eça de Queiroz seria transportado para Aveiro e repousaria junto de seus avós, Joaquim José de Queiroz e Teodora Joaquina de Almeida, no cemitério do Outeirinho, em Verdemilho.

O Povo de Aveiro na sua edição de domingo, 26 de Agosto, noticiava na coluna dos Ecos da Semana: «Sempre é verdade que Eça de Queiroz vem para Aveiro. Ao princípio a notícia pareceu-nos bloque. Não se nos afigurava crível que o cadáver deste vulto prominentíssimo da república das letras viesse repousar a sombra ignorada dos esquálidos ciprestes de um modesto cemitério de aldeia, onde o rousal vai, em noites luarentas de Maio, pôr a nota argentina da sua voz no cristal [...]». A morte de Eça de Queiroz era uma perda; e era tão somente na consideração desta verdade amarga que o nosso espírito se confundia em sem exteriorizações ridículas de palmarfólio banal em que cristaliza, no fim de contas, o preito de quase toda a imprensa portuguesa. E procedemos assim com uma vacuidade de ideias verdadeiramente desconfortável, o nosso jornalismo, não admira que em Paris só o *Le Figaro* consagrava enfraquecido



Túmulo de Eça de Queiroz no Cemitério do Alto de S. João

mente algumas linhas à memória de Eça de Queiroz e que *La Patrie* se lhe referisse com mesquinho desdém, vindo apenas no nosso romancista um simples cânsul, sem mais título algum de recomendação atendível. E ao desdém junto o órgão dos nacionalistas: uma prova de lastimosa ignorância, chamando a Ramalho Ortigo romancista! Mas agora que é um facto para todos a vinda de Eça de Queiroz para Verdemilho, resta ver como Aveiro recebe o cadáver desse grande pensador; que honra lhe tributa; que preito lhe rende; que homenagem lhe consagra. Veremos...

Na primeira página da mesma edição, Homem Cristo, sarcástico e truculento como era seu costume, aprovela a morte do romancista, para zurrir na intelectualidade nacional e ameasinhá-la aos seus patrícios azeiteiros. «Morreu este grande escultor. Demais seria acrescentar-nos alguma coisa nos seus méritos que sobre o *lustre* romancista se vêem dizendo por aí. Basta-nos afirmar que Eça de Queiroz foi o maior formalmente inimigo desse tarpe, dissoluta e imbecil sociedade portuguesa, que hoje está levantando o

seu nome nas escudras da fama. Todos os seus livros são uma charge formidável à pelintice indígena. Eça de Queiroz teve o mais profundo desprezo pelos homens do seu tempo, no seu país, literatos, poetas, jornalistas, oradores, políticos, burgueses, fidalgos, tudo ele achava profundamente asnático, potencialmente ridículo, aparte meia dúzia de figuras primícias que estavam e estão superiores a todos os críticos dessa natureza [...]. Enfim, o mérito de Eça de Queiroz está nisso: com superior engenharia castigou todos os ridículos da sociedade portuguesa, não um castigo suave, como alguns pretendem, mas um castigo duro, violento às vezes, cheio de chicotadas vibrantes.

«Eça de Queiroz era, como José Estêvão e outros, um produto da raça indígena de Aveiro. Singular contraste: em parte nenhuma do País o pedantismo, a pretensão asnática, a aspiração ridícula ao bom tom, a bacacisque nacional, sui generis, única no mundo, assume as proporções que assume em Aveiro [...]. Eça era uma inteligência digna, feita por hereditidade, continuadora da robusta in-

teligência de seu pai e de seu avô, Joaquim José de Queiroz, um espírito de primeira grandzaes.

E continuava, Homem Cristo, aproveitando uma pequena referência ao funeral de Eça para, de novo, castigar severamente a sociedade azeiteira: «É notável que nem o pai de Eça de Queiroz, sendo de Aveiro (?), nem seu filho, que vem dormir aqui o seu último sono, fivessem nesta cidade as mínimas relações. Não conheciam aqui ninguém e ninguém aqui os conhecia. Que nos conste, nunca vinham aqui, ou, se vinham, era uma rápida visita a Verdemilho, visita que durava poucas horas. Pois foi pena. Eça de Queiroz tinha na terra de seus pais (?) magníficas figuras para lhes distribuir papéis ridículos nos seus romances.

Eie aí vem agora e veremos essa sociedade azeiteira, que não o conhecia, onde não há uma dúzia de homens que o tenham lido e meia dúzia que o tenham compreendido, essa sociedade que tem, refinados, todos os defeitos da sociedade portuguesa que o grande escritor tanto aborrecia e desprezava, veremos como essa sociedade corre pressurosa, cheia de vaidade, a fazer-lhe o cortejo. Ter aqui em Verdemilho, a dois passos, o cadáver do homem que todas as gazetas da Europa reputam com talento de primeira grandzaes! É caso para estes pelintres estoiromem de vaidade e de... glória! Os mesmos que deram em vida duas dúzias de votos a José Estêvão para lhe andarem agora a zabumbar ao cadáver a todo o hora. A tanto chega a mania das fidalguas, a pretensão do bom tom, a vaidade dos grandzaes. E tudo para os tornar, aos olhos que vêm, mais insignificantes ainda!

Ao povo, sim. Ao povo donde emanou toda a força e toda o vigor nacional, se porventura existem neste país, recomendamos a homenagem e o respeito a que tem direito o cadáver desse grande homem que vem atressar, honrando-as, as ruas da cidade de Aveiro».

Continua no próximo número

Errata: no texto anterior, na referência a Fernando José de Queiroz, diz-se que era bisavô de António Eça de Queiroz, filho do romancista; na verdade, era seu tio-bisavô. Pelo lapso pede-se desculpa aos leitores.

NA LEITURA DA REGIÃO
PARA OUVIR EM TODO O MUNDO

www.ciberguia.pt/radiomoliceiro

FM 94.4
MOLICEIRO

Viagens... Algumas na nossa terra

Émédé

A **ROTA DO CAFÉ**, que iniciei na última crónica, não está de forma alguma completa, antes pelo contrário. Mas agora tenho mesmo de deixar a nossa terra, e até o país, para vos poder dar conta de um acontecimento insólito que demonstra bem que não é só no nosso país que se atropelam certas leis, e certas usos.

Uma passagem pela ilha de Palma de Maiorca levou-me ao conhecimento de um recanto maravilhoso do nosso planeta, e ao mesmo tempo ao contacto com uma demonstração pura de ignorância.

É um facto sabido que aquela ilha tem uma tremenda falta de energia. É facilmente visível por toda ela a existência de moinhos, que aproveitando a força eólica, lá vão conseguindo uns quilovoltas de potência eléctrica, e a movimentação de bombas de água. Os hotéis de pouca estrelas, dado o custo da energia, limitam ao mínimo a utilização do ar condicionado que se resume, na maior parte das casas, à climatização

do bar e sala de estar.

Pois foi num hotel destes que me instalei, com a agravante de os letrados não manterem teimosamente a marca dos 40 graus. A solução nestes casos, vem nos do solão e do bar, uma vez que até na praia, depois das 13 horas, já não se suporta o calor.

Pedi-lha uma bebida refrescante, preparámo-nos, ao balcão, para aproveitar aquele pedaço de ar fresco, e a nossa lado, um senhor com ar fino pede ao empregado: "Prepare-me ali um Irish coffee". Bem, eu creio que tive a mesma sensação do barman. Olhei o senhor, surpreendido. Mas gostos não se discutem, e o funcionário lá partiu para a anexo, onde perdeu uns bons seis ou sete minutos a preparar a bebida das nossas amigas irlandesas. O cliente espanhol aguardou pacientemente e, quando o funcionário lhe colocou a bebida sobre o balcão, preparada de acordo com todas as regras, pelo que me foi dado a observar, assisto a um espectáculo degradante. O meu vizinho do lado pede uma colher e, em poucos segundos, transfere-a aquela bebida tradicional num vulgar galgal! É verdade, ele mexe tudo, mistura o café o uísque e as natas, e bebe, de

um trago aquela mistura.

Traquei um breve alhar com o barman, o suficiente para me aperceber que aquilo não era costume do terra, mas sim ignorância pura.

Não resisto à tentação de contar aqui o episódio que revela, precisamente, a existência de uma cultura de saber beber.

Estávamos em Dezembro, o mesmo que seria fatal para o Dr. Sá Carneiro e eu encontrámo-me em serviço em Antuérpia. Inverno frio, daqueles a que nós não estamos acostumados em Aveiro.

Convidado por um amigo português a trabalhar na Bélgica, há muitos anos, procurámo refúgio num daqueles bares típicos do porto de Antuérpia, onde o interior contrastava fortemente com a temperatura das ruas. Sentados ao balcão, a casa estava completamente, pediram-se bebidas. E aqui, naturalmente, a escolha recaiu numa tradicional bebida de inverno: dois Irish coffees.

A menina que nos servia retirou-se e foi preparar as bebidas. Quando regressou, aquela verdadeira obra de arte foi colocada à nossa frente com um carinho e uma atenção inusitados.

Apreciámo-a aquele que para mim foi o melhor Irish coffee que eu já provei. E

de tal agradeo se apresentou, com um café bem quente, ligeiramente adoçado, com uísque de malte na bebida e aquele manto de neve branca posto suavemente sobre a bebida, batido de forma a aguentar-se até à última gota de licor, que cedo pedimos à jovem que nos trouxesse outra dose.

A mesma mistura, uma frase em flamengo que a minha mãe me disse, e, uns largos minutos volvidos, regressa com as nossas bebidas. Mas aí ocorre o insólito. Ao ver pousar os copos sobre o balcão, num deles iniciou-se de imediato um processo de afundamento de natas. Não é muito fácil para mim descrever, passados estes anos, a aflição da jovem. Desfez-se em pedidas de desculpa, levantou imediatamente a bebida e rapidamente se dirigiu para o anexo onde as mesmas eram preparadas. Logo depois, veio trazer outra com a indicação que esta era uma oferta do gerente, que apresentava os seus desculpas. Claro, que aqui estamos em presença de casos bem diferentes. Num, uma ignorância extrema em tudo que diz respeito ao café; no outro, o conhecimento e a arte levadas a um nível tal, que surpreende. Agradavelmente, dina eu...

Cavacas de S. Gonçalinho

Uma tarde no Forum

Manuel Gamelas

No primeiro domingo do ano, resolvi passar algumas horas na nova sala de visitas da nossa cidade. Desci a avenida central em direção ao Fórum, mas, ao atravessar a passadeira, em frente ao Cine Avenida, ouvi um ruído tão intenso, junto a mim, que me deu ideia de que estava em S. Gonçalinho, onde havia festa; e que um dúzia de foguetes de grande potência tinham subido em simultâneo.

Por momentos fiquei paralisado com os sapatos bem colados à zebra. Olhei para baixo e para cima da avenida e, lá longe, consegui ver uma moto com condutor, de rabo espiado para trás, agarrado ao guidão, todo curvado, como se fosse a fugir ao fisco, nesta avenida de tolerância máxima.

Estou certo que, se me apanhasse na comida, eu nem sequer tinha tempo de tirar bilhete na estação lá direitinho, na horizontal, cumprimentar S. Pedro!

Já refleti, respirei fundo quando atravessei uma das pontes do Fórum e comecei, então, a apreciar este local extraordinário.

As lojas e estabelecimentos de fino gosto estético, regulam a visita convidando a comprar, divertir ou simplesmente a possuir. No entanto, além desta apreciação global, muito positiva, gosto, também, de analisar em pormenor o que se passa à minha volta. Assim, subi as escadas e comecei pelo jardim, no piso superior, ao ar livre.

Gostei do local, muito agradável, em especial quando está bom tempo, como é natural. Os bancos espalhados pelo jardim convidam a descansar ou namorar, como tive ocasião de apreciar, não como "no meu tempo", mas dum forma mais "requintado".

O namoro evoluiu, libertou-se de uma certa "repressão conservadora". Hoje, os parinhos agarram-se, sugam-se, lambem-se como se estivessem a saborear um chupa-chup!

As pessoas à moda antiga, passam viram a cara e seguem. Nada de fazer qualquer comentário, porque seria mal interpretado.

Estamos no império do sexo onde os revistas e, em especial a TV, lideram no "problemática" dum disciplina que tem sempre tendência para evoluir. Até onde



só Deus sabe!

Neste local, a rede que "protege" a vista das capelas do cemitério talvez seja demasiado aberta. É uma visão que não ajuda a ter pensamentos de "grande eloquência", pelo que, na minha opinião, seria bem que houvesse uma modificação no "bambão", de modo a não fazer lembrar o que é mais certo na vida.

Continuei a minha volta pelo jardim e constatei que, após alguns meses da inauguração do Fórum, ainda havia trabalhos em curso!

Olhando do parapeto do jardim para baixo, a rua é muito bonita, parecendo limpa, dum tom uniforme, ao contrário de

quando atravessasse a ponte ter visto objectos não identificados flutuando na superfície da água levados pela corrente.

Estou certo que, após "a operação de cosmética" a que a na está a ser submetida, ela ficará impecavelmente limpa, certo dos dois objectos não identificados.

Continuei a volta pelo mesmo local e, quando cheguei junto à abóbada que se sobrepõe à "Praça das Portas Cardenas", senti um cheiro que já não sentia desde a minha juventude, quando trabalhava nos Estaleiros Mónica, no momento em que se aplicava o zebo na careca onde os navios eram colocados para o bota-baixa.

Fiquei com a pituária em franja e reservei para mais tarde saber de onde vinha este "perfume" que não deve constar no catálogo do estabelecimento da especialidade existente no Fórum.

De seguida, desci ao piso intermédio. Neste piso, com extraordinário movimento onde os pendões vermelhas davam um certo ar maciço ao local, havia alguns balões que mantinham em suspensão Pais Natas cheios de sorna.



Forum Aveiro - comércio e lazer

Fim-de-semana

Futebol

I Divisão

19ª Jornada (22/1/1999)
U. Leiria / Guimarães
Companhador / Académica
Chaves / Sporting
V. Setúbal / E. Amadora
Benfica / Rio Ave
FC Porto / Beira Mar
Sigueiros / Marítimo
Boavista / Alverca
Braga / Farense

II Honra

19ª Jornada (24/1/1999)
Belenenses / Espinho
Gil Vicente / Feirense
Lamas / Paços Ferreira

II B

18ª Jornada (24/1/1999)
Caldas / Cucujães
Torres Novas / Ovarense
Oliveirense / Beneditense
Sanjoanense / Vilafranquense

III - Série C

17ª Jornada (24/1/1999)
Tourizense / Esmeriz
Valecambrense / Mealhada
Avanca / F. Algodres
Nelas / Oliv. Bairro
Anadia / Cesarense
S. Roque / Águeda

Basquetebol

Liga TMN

19ª Jornada (23/1/1999)
Portugal Telecom / CAS Madeira
Ilhasum Teka / Benfica
Ovarense / FC Porto
Nitin Montijo / Guialmi Estrelas
Gala / Seixal
Queluz / Oliveirense
Figueira Gândio / Aveiro Basket

I Divisão - Zona Norte

16ª Jornada (24/1/1999)
Vale Cambra / Diogo Cão
Sangalhos / DUDI Vasco
Galitos / Naval

Andebol

Campeonato Nacional

18ª Jornada (24/1/1999)
Sporting / Gândio do Sul
F. Holanda / Marítimo
S. Bernardo / ABC
Madeira Andebol / Benfica
Belenenses / FC Porto
Maia / Boavista

Hóquei em Patins

Campeonato Nacional

19ª Jornada (23/1/1999)
Sp. Tomar / Barcelinhos
Benfica / FC Porto
Infante Sagres / H. Sintro
O. Barcelos / Paço de Arcos
Alenquer / Oliveirense
Marinhense / Gulphihares

II Divisão - Zona Centro

17ª Jornada (23/1/1999)
Mealhada / Estremoz
Santa Cita / Escola Livre
Cucujães / Vilafranquense

Voleibol

Campeonato Nacional - Divisão A1

17ª Jornada (23/1/1999)
Leixões / Esmeriz
Machico / Sp. Espinho

Beira Mar prepara jogo nas Antas

"Vamos tentar complicar a vida ao campeão nacional"

O Beira Mar foi a primeira equipa a derrotar o FC Porto num jogo de média memória para os dragões, realizado em Aveiro. Agora, é a vez da formação auriñega se deslocar às Antas. António Sousa tem esperança num bom resultado e acredita que é possível conquistar pontos no terreno do Porto.

O treinador do Beira Mar atribui a maior responsabilidade ao FC Porto, «porque está a jogar em casa; no fundo, porque é a melhor equipa, o campeão nacional, e o maior grau de responsabilidade vai interinir para eles». António Sousa encara o encontro da Antas como um «daques jogos em que a motivação extra é extremamente importante nas equipas ditas pequenas, como é o nosso caso».

Em termos de concentração, o técnico do Beira Mar refere que «não é preciso exigir nada aos atletas porque são jogos onde eles dão o seu melhor; para além disso, penso que estamos a atravessar uma fase extremamente positiva e estamos fortemente motivados e moralizados. E vamos partir com o objetivo de complicar a vida ao Porto e, porque não, conseguir pontos», salientou António Sousa.

Os resultados menos favoráveis conseguidos pelos "pupilo" de Fernando Santos, nos últimos jogos, não jogaria a favor da equipa do Beira Mar no encontro de sábado. O técnico dos auriñegos considera que este não será um argumento benéfico para a sua equipa, «pois facto o Porto ter permitido que fosse encurtada a distância entre eles e o Benfica. E acrescenta, que «se o Porto tivesse vencido em Vila do Conde, por exemplo, encariaria, talvez, o jogo de uma forma completamente diferente». perante a situação ac-

tual da tabela classificativa, António Sousa prevê que os jogadores do Porto entrem em campo muito mais concentrados, tentando resolver rapidamente o encontro a seu favor.

Para o jogo nas Antas, Sousa aponta para um sistema de defesa à zona, embora admita a existência de marcações específicas a certas pedras-chave da formação azul-e-branca. O plantel que o Beira Mar irá apresentar frente ao Porto não deverá ser muito diferente do que tem alinhado nos últimos jogos, podendo haver, no entanto, uma alteração.

Concentração é a palavra-chave

Gila, que marcou um dos golos do Beira Mar que ditaram a derrota do FC Porto em Aveiro, gostava de repetir a proeza, no próximo domingo, nas Antas, mas admite que será «extremamente difícil», até porque a sua principal função não é marcar golos mas evitar que o Beira Mar os sofra. Fazendo ainda uma alusão ao golo marcado contra os tetracampeões nacionais, Gila referiu que «se sempre bem marcar um golo, principalmente a um defesa; e contra determinados adversários, como o Porto, traz um valor acrescido».

Para o jogo contra o FC Porto, motivação é coisa que não falta aos jogadores do Beira Mar; fruto, em grande parte, das goleadas obtidas nos últimos jogos, e do facto de jogar na I Divisão, que constitui, por si só, segundo Gila, «uma motivação especial». Esta defesa dos auriñegos não tem dúvidas que os seus resultados obtidos, ultimamente, pelos "pupilo" de Fernando Santos, irão incidir na equipa



Sousa "dá" a tática para domingo

uma garra acrescida.

No entanto, Gila refere que, se o Beira Mar conseguir aguentar os primeiros 20 minutos sem sofrer golos, poderá beneficiar de alguma irritação que terá tendência a aparecer, e manifestar-se, do lado dos adeptos do Porto, o que pode enervar os jogadores. «Mas também temos que contar que eles vão dar o máximo para rectificar os resultados anteriores que não têm sido positivos», sublinhou.

Para o jogo das Antas, Gila considera que a palavra-chave é possível concentração. Acredita que é possível o Beira Mar conseguir um bom resultado, apesar de ser um jogo «extremamente difícil».

Remo

Animação na ria de Aveiro

As emoções do Circuito de Longas Distâncias regressam, depois de amanhã, às águas da ria de Aveiro.

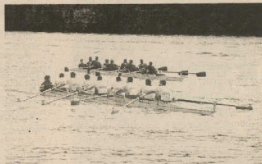
Numa organização do Clube dos Galitos de Aveiro, em colaboração com a Federação Portuguesa de Remo, a descida da ria de Aveiro disputa-se na distância de sete quilómetros. A partida está marcada para as 14:30 horas de sábado, junto à Pousada da Ria, em S. Jacinto. A prova realiza-se num cenário de rara beleza que oferece condições ideais para o público; seguindo pela marginal, é possível acompanhar os principais momentos da regata.

Neste momento, tudo aponta para a presença de um mínimo de 10 tripulações na categoria da raiha do remo olímpico: o "shell" de oito com timoneiro. A confirmar-se este número, a organização

irá optar por dividir as equipas em duas mangas: na primeira concorrerão o Clube Náutico de Vigo, o Camilhonense, o Infante, o Fluvial Portuense e o Clube de Remo do Miño. Na segunda, o Clube Náutico de Viana, o Clube dos Galitos, a Académica de Coimbra, "O Cacia" e o Gândio Figueirense. Realizar-se-ão, ainda, duas provas complementares: "quadrúscil" feminino e "shell" de quatro masculino. Esta última conta com a participação do Clube dos Galitos.

Todos os clubes envolvidos têm iguais hipóteses de alcançar o título máximo do circuito. No entanto, as tripulações do Infante, Camilhonense e Flu-

vial Portuense são as que demonstram o melhor momento de forma. No entanto, os espanhóis do Real Clube Náutico de Vigo e do Clube de Remo do Miño prometem «incómodar» as melhores equipas portuguesas.



Dez equipas concorrentes ao "shell" de 8 masculino

Basquetebol

Oliveirense recupera lentamente da crise

Prestação da equipa já agrada mais

A equipa de basquetebol da União Desportiva Oliveirense começa a recuperar da crise de prestações que culminou com a derrota, em casa, com o Seixal, por 70-93. Ultrapassado que está o subsequente processo disciplinar, que levou ao afastamento de Garavaglia e à aplicação de multas e repreensões por escrito aos restantes atletas da equipa, os principais objectivos passam, ainda, pelo play-off e pela Taça, competições em que a Oliveirense conta agora com a ajuda de um novo reforço.

Marta Reis

A crise que afectou o basquetebol da União Desportiva Oliveirense (UDO) parece estar perto do fim. Apesar de os resultados dos jogos ainda não serem os mais desejados — a formação continua sem conseguir ganhar — o director desportivo mostrou-se «muito satisfeito com a prestação da equipa» que, em Escúria, «foi já bastante diferente». Esta melhoria reflecte, inevitavelmente, as consequências do inquérito disciplinar instaurado a todos os jogadores profissionais, após a derrota com o Seixal por expressivos 70-93, onde, de acordo com Hermínio Loureiro, foi notória a «falta de empenho» dos jogadores. «Achamos que era necessário fazer alguma coisa», referiu aquele responsável, «e o trabalho da equipa técnica não poderia ser posto em causa». No que concerne ao técnico, o director desportivo da Secção de Basquetebol da UDO fez questão de salientar que os responsáveis do clube estão «muito satisfeitos com o trabalho desenvolvido por Henrique Vieira», acrescentando que o contrato que o treinador tem com a Oliveirense por mais um ano, é para ser cumprido.

Do inquérito disciplinar, que decorreu durante o semana, resultou o despedimento por justa causa de Jonathan Garavaglia — que chegou a ser considerado como o elemento destabilizador da equipa — e multa e repreensão por escrito a todos os atletas. Quanto ao valor das multas, Hermínio Loureiro não adiantou números, referindo que a sua quantificação

«é do for interno da direcção». Sobre os valores que têm aparecido nos jornais, e que apontam para multas que variam entre os 10 e os 20 por cento do salário dos jogadores, o director desportivo não fez grandes comentários, referindo apenas que se trata de «pura especulação».

O objectivo da equipa é, ainda, chegar ao play-off, e, segundo Hermínio Loureiro, «por enquanto, nada está perdido»; «o campeonato está muito mais competitivo e há um maior equilíbrio entre as equipas». Para além disso, o director desportivo acrescentou que a Oliveirense se encontra a disputar a Taça de Portugal, para a qual defonta, já no próximo dia 28 do corrente mês, a equipa do Barreirense.

Troy Bower desiste do Oliveirense

Entretanto, a Oliveirense reforçou-se com um atleta, em consequência da saída de Garavaglia. Francisco Marcolino, que desempenha as funções de poste, tem 2,03 metros e é jogador da selecção de Angola. Este atleta, de 29 anos, já jogou em Portugal no Ginásio Figueirense e no Illiibank, estando a actuar, aquando da sua transferência, nos Tigers, em Inglaterra.

Marcolino tem contrato com a equipa até final desta temporada, no entanto, Hermínio Loureiro não pôe de parte a continuidade após o final da época 98/99, referindo que «se mostrar ser uma mais-valia, ponderamos ficar com ele por mais tempo». Entretanto, Troy Bower, contratado pela Oliveirense para substituir o lesionado Marcus Grant, não se apresentou em Oliveira de Azeméis, de acordo com Hermínio Loureiro «por motivos pessoais. Após esta «desistência», o director desportivo da secção de Basquetebol da UDO adiantou que a Oliveirense continua à procura de um extremo poste experiente, no entanto, não considera uma prioridade para a equipa, já que a formação tem vários jogadores para essa posição.

Escalões da formação necessitam de novo pavilhão

Apesar de os últimos acontecimentos terem abalado a estabilidade da secção, Hermínio Loureiro fez questão de referir que, «este ano, estamos a dar um salto muito qualitativo em termos de basquetebol». Para além da Liga Profissional, «temos o projecto de mini-basquetebol destinado a todas as crianças do concelho de Oliveira de Azeméis, que está já superlotado», referir Hermínio Loureiro,

considerando que os escalões mais jovens têm tido «um desempenho muito positivo». O mesmo acontece, segundo aquele responsável, nos escalões de formação, que «tiveram um desenvolvimento muito grande» devido, em muito, ao protocolo celebrado entre a UDO e a Associação dos Amigos do Basquetebol, recentemente criada.

Neste âmbito, as maiores dificuldades existem, segundo o director desportivo do basquetebol, na falta de instalações disponíveis, realçando que, «neste momento, estamos já a ocupar todos os pavilhões disponíveis na cidade». Considerando 1998 como «um dos melhores anos de sempre em termos de formação» e no sentido de colmatar a maior lacuna neste escalão, Hermínio Loureiro adiantou que foram já feitas diligências junto da Liga de Clubes de Basquetebol, Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, Secretaria de Estado do Desporto e União Desportiva Oliveirense, para a construção de um pavilhão destinado aos escalões de formação. A possível localiza-

ção do pavilhão ainda não foi discutida, no entanto, na opinião do director desportivo, aquela infra-estrutura deveria ficar inserida na zona desportiva que está prevista no Plano Director Municipal (PDM) de Oliveira de Azeméis.



«Prestação em Aveiro já foi diferente»



Jogo entre a Oliveirense e o Illiibank

"Velhas glórias" do Beira Mar

José Nunes: o "Jandana"

Com 54 anos cheios de boa disposição, José Afonso de Oliveira Nunes recorda com muitas saudades o seu tempo de jogador de futebol. Tempos vividos com muita alegria, onde a camaradagem e o amor ao desporto faziam uma combinação de sucesso. Um homem que aproveitava os tempos livres para se dedicar a cultivar o seu quintal, e que vai, sempre que pode, ver os jogos do clube de que mais gosta: o Beira Mar.

Daniela Sousa Pinto

José Nunes, conhecido por "Jandana", iniciou a sua carreira desportiva nas escolas do Beira Mar quando era ainda um adolescente de 16 anos. Mas o "bichinho" pelo futebol surgiu muito mais cedo. «Não havia a abundância de brinquedos que há hoje. Então, brincava à bola na eira do meu quintal». Tudo servia: «Quando matavam o porco, a beixa era pendurada na chaminé. Depois de seca, ficava boa para jogar futebol».

Foi defesa-lateral esquerdo e vestiu a camisola n.º 3 do clube que o viu crescer. Mais tarde, chegou à equipa principal, «mas fui muitas vezes posto de lado». A sua estreia aconteceu num jogo contra o Oliveirense, «um derby regional muito difícil, um género de Benfica / Sporting cá da zona».

A carreira terminou, à semelhança de muitos dos seus colegas, no Alva, onde entrou durante 12 anos. Tinha, então, 35,

"Formei-me como homem no futebol"

«Quando fui convidado a integrar o plantel do Alva, este clube estava a formar uma equipa para subir à II Divisão. No primeiro Campeonato Nacional da III Divisão não subimos; ficámos em segundo lugar. Mas no ano seguinte subimos. Éramos uma equipa de fábrica com poucos recursos, mas muito lutadores.»

Fez algumas falas: «É preciso lutar pela bola, mas não aceite a falta pela falta! O futebol é duro.»

Não esconde as saudades, e é com muita alegria que conta as percepções que viveu nos cévados e nos balneários, em conjunto com toda uma equipa onde reinava um grande companheirismo.

O balanço da sua carreira é positivo: «Pratiquei o desporto de que gostava, fiz muitas amizades e muitos conhecimentos. Formei-me como homem no futebol. Aprendi que não devia fumar, a saber cozer e a moderar as bebidas. Tenho muito cuidado com a alimentação. Aproveitei os tempos livres para cuidar do meu quintal, o que me fez muito bem ao espírito e ao físico. Estou a atarrax a velhice...»

O Beira Mar é um clube com 77 anos de história, feita por muitos homens. José Nunes lamenta que o clube azerneiro se tenha esquecido das suas antigas glórias, porquê «as pessoas mais antigas ainda se lembram de nós».

José Nunes jogava porque gostava. «O nosso futebol era bom, jogávamos muito bem. E dentro do que era possível para a época tínhamos boas condições: os cam-



Campeonato de Reservas 67/68. De pé: Bertino, Marques, Zé Manel, Mónica, Nunes e Santos; em primeiro plano: Colorado, Mateus, Moraes, Nairtanga e Silva.

pos, até já eram rebeçados... Agora há mais técnica, melhores equipamentos». A vida era diferente: «Não havia tanto dinheiro envolvido. Ganhava 3 contos por mês, mas ainda sobrava dinheiro. Os mais famosos da equipa ganhavam 7 ou 10. As condições, hoje, são outras. Mas não me posso queixar, porque no Beira Mar não nos faltava nada; tínhamos médico e tufol».

"Nunca mais fui ao campo do Bonussuco"

Ans mais jovens aconselha a prática de desporto. «A actividade desportiva é muito importante para uma vida saudável. O desporto afasta dos maus vícios; é uma escola de virtudes». E acredita tanto nas virtudes do desporto que se disponibilizou para treinar a equipa de futebol do Bonussuco. «O Futebol Clube do Bonussuco tinha equipa, mas não tinha escola. Então, eu aceitei o convite para os órgãos directivos, mas com a condição de se formar uma escola de jogadores». Estas escolas ficaram a cargo de José Nunes e de mais algumas pessoas que convidou para fazerem parte do projecto. «É uma coisa de que me orgulho muito, porque com muita paciência consegui que miúdos, que nem sequer sabiam estar no campo, aprendessem a jogar à bola. Logo no primeiro jogo que tivemos, em casa, contra o Anadia, perdemos por 0/9 e eu fiquei muito contente por não chegarem aos 10/8. Mas esta foi a primeira reacção dos rapazes, porque no jogo que foram fazer a Anadia, «dispu-

támos o jogo taco a taco e perdemos por 4/2». José Nunes lamenta que a escola não tenha sido os apoios de que necessitava para poder continuar. «Era um projecto que em

pouco tempo já tinha dado alguns frutos e que dava motivos de poder crescer. Estes miúdos, ao fim de três ou quatro anos, foram campeões distritais da III Divisão!»

Descontente com a falta de apoio, José Nunes abandonou o projecto. «Dêem apoio ao hóquei e deixaram-nos totalmente postos de lado... Até hoje, nunca mais fui ao campo do Bonussuco.»

"Tenho de tratar do meu quintal"

Durante algum tempo ainda fez parte das Velhas Guardas do Beira Mar. «Agora, já não ando com eles, porque tenho o meu quintal para tratar. Não tenho tempo para andar de um lado para o outro.» A equipa dos antigos jogadores do clube azerneiro não tem apoio do Beira Mar. «Quando tínhamos jogos, eu ia no meu carro e levava quanto eu cinto. Tínhamos os balneários e, agora, acho que nem isso!»

Século do clube que representou, ainda vai ver os jogos do Beira Mar. Desabafa, mas não se zanga. Já esteve dentro das quartas linhas e aprendeu a controlar os nervos. «Mesmo assim, não posso dizer que não fico triste quando o Beira Mar perde... O futebol é um jogo de sorte e de azar. Há dias em que não se fazem golos e há outros em que eles aparecem de qualquer maneira.»

Ora, bolas!

José Nunes conta:

«Uma vez, depois de um jogo, fomos almoçar a um restaurante e o treinador, o Sr. Frederico Passos, avisou de que ninguém podia comer azeitonas. As mesas estavam postas e eu, com a minha irreverência, comi duas ou três. O treinador viu. Foi logo desconvoado!»

«Conheço pessoas no Beira Mar que não foram nenhuns Vítor Baptista, mas que, hoje, estão muito bem. Tiveram juízo!»

«Estava casado de fresco e fui para a Guarda para um jogo. Quase todos compraram pastéis de Vizela para as respectivas mulheres. Eu, também, trouxe uma caixinha para a minha. Quando cheguei à casa e li as afereci, na caixa em vez de pastéis estavam paozinhas! Os meus companheiros, durante a viagem, tinham-me trocado as voitas... No dia seguinte, dearam-me a caixa, mas divertiram-se muito com esta partida...»

«Se o futebol português se quer implantar e ganhar aos campeonatos europeus e mundiais, vai ter que apostar na formação dos seus homens.»

«Os árbitros portugueses estão sempre a apitar! Assim, o futebol perde qualidade. No outro dia, no jogo entre o Beira Mar e o Guimarães o árbitro apitou 60 vezes durante os 90 minutos de jogo. Apitou de minuto e meio em minuto e meio!»

«O meu avô chamava-se José Nunes da Ana. E os meus pais tinham uma casa de peixes muito conhecida que se chamava "Jandana". Eu fiquei conhecido por este nome.»



«Não aceitei a falta pela falta»

Vulcano

Soluções termodomésticas de futuro

A Vulcano, sediada em Aveiro, tem vindo, ao longo dos anos, a consolidar a sua posição no mercado de esquentadores, que lidera a nível europeu desde 1992. Pioneira na concepção do primeiro esquentador inteligente (com ignição automática a pilhas), a Vulcano actualiza, em 1996, a sua Certificação de Qualidade de ISO 9002 para ISO 9001. Entretanto, a empresa iniciou o fabrico de caldeiras murais, segmento de mercado em que está empenhada em alcançar a liderança nacional.

Marta Reis

A Vulcano Luso Ibérica Termo Domésticos foi constituída a 17 de Março de 1997, com capital totalmente nacional, tendo como principais sócios Francisco da Cunha e Silva e a empresa Bongis, a que estavam ligados Manuel Rodrigues Santos Silva e as famílias Pais de Sousa e Pascoal.

A ideia de constituição da Vulcano surgiu aquando das alterações políticas, económicas e sociais que ocorreram em Portugal entre 1974 e 1976, durante as quais um grupo de empresários portugueses concebeu, de raiz, um projecto de fabricação e comercialização de esquentadores de a gás. Mais tarde, a empresa, sediada em Aveiro, procedeu à assinatura de um contrato de assistência tecnológica com a Robert Bosch, bem como de um acordo de transferência da tecnologia utilizada pela empresa alemã nos esquentadores da marca Junkers, produzidos em Wernau, na Alemanha.

Passada a fase da construção dos edifícios industrial, administrativo e social, tiveram início as diversas fases tecnológicas do projecto, com vista à total fabricação de esquentadores em Aveiro. O projecto, inovador em termos nacionais, foi acompanhado desde o primeiro momento pela concepção e produção própria das máquinas e ferramentas necessárias à fabrica, numa tentativa de conquistar uma maior autonomia.

Após o início da montagem de esquentadores, ainda em Dezembro de 1977, numa instalação exiguas situada em Cacia, tem lugar a primeira exportação de componentes para a fábrica de Wernau e a comercialização, no mercado nacional, de esquentadores das marcas Zeus e Junkers. De uma linha de montagem com uma produção diária de 120 unidades, a Vulcano passa, em 1981, para uma produção de 380 unidades di-

árias, fruto de um investimento de expansão efectuado em novas instalações localizadas em terreno contíguo ao inicial. Esta mudança resultou numa unidade fabril com 6000 metros quadrados de área coberta, na instalação das primeiras grande máquinas destinadas à produção de componentes e no aumento do número de empregados para quase seis vezes mais: de 20 em 1978, passou para 115 em 1983).

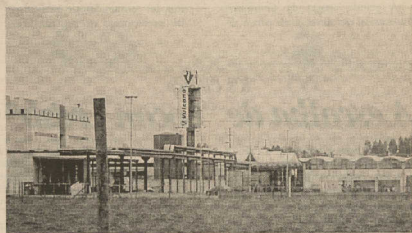
Marca Vulcano aparece no mercado em 1983

Em 1983, a empresa introduz no mercado português a marca Vulcano. A qualidade dos aparelhos produzidos pela empresa e a uma forte produtividade fabril, junta-se uma estratégia de vendas, de marca e de assistência técnica que permite à Vulcano alcançar a liderança nacional do mercado dos esquentadores, em 1985. Esta projecção acontece numa altura em que o mercado de esquentadores se encontra pulverizado, ao mesmo tempo a que se assiste à entrada de inúmeras marcas estrangeiras e ao enfraquecimento das portuguesas.

Esta progressão da empresa no mercado nacional e no da exportação acentua-se fruto de um investimento contínuo nos processos fabris e de uma aposta muito forte nos recursos humanos. Em 1988, a Vulcano produzia 100 mil esquentadores por ano e contava já com 200 empregados. Nesse mesmo ano, a empresa foi a segunda a obter a certificação do sistema de qualidade.

Com a abertura da Vulcano à Europa, dá-se o interesse do Grupo Bosch pela firma, de que resulta a aquisição de 90 por cento do capital da mesma e a alteração da sua designação para Vulcano Termodomésticos, SA.

Em 1989, a empresa ocupava o oitavo lugar no ranking dos fabricantes europeus de esquentadores, com uma quota



Vulcano - empresa líder dos mercados nacional e europeu

de mercado a nível europeu de seis por cento e de 50 por cento a nível nacional. A liderança europeia de mercado é conquistada pela Vulcano em 1992. Neste ano, a firma contava já com 750 colaboradores e tinha uma produção anual de 630 mil esquentadores, 530 mil dos quais eram destinados à exportação para vários países europeus, incluindo o recente mercado da Europa de Leste, que se encontrava em abertura e expansão.

Vulcano produz cerca de 120 mil caldeiras murais por ano

O progresso da Vulcano leva à criação, em 1993, de uma unidade de Investigação e Desenvolvimento (I&D), que constitui, ainda hoje e de acordo com os responsáveis pela empresa, peça fulcral no negócio de esquentadores, com a responsabilidade e desafio da introdução de novos aparelhos mais evoluídos tecnologicamente, tendo representado a transferência para o nosso país da totalidade do *know-how* do Grupo Bosch, no segmento dos esquentadores de gás.

Os primeiros resultados desta aposta aparecem, sensivelmente, um ano mais tarde. Em finais de 1994, aparece o pri-

meiro esquentador inteligente (com ignição automática a pilhas) totalmente concebido e produzido pela Vulcano, facto que leva à consolidação da liderança da empresa nos mercados nacional e europeu. O departamento I&D tem vindo, desde então, a efectuar uma série de novos desenvolvimentos, desde o novo automático de água e polimida até ao mais recente sistema "Click". Ainda a partir de 1994, a empresa alargou a sua área de intervenção aos mercados emergentes, nomeadamente ao Magrebe e à América Latina.

Em 1996, a Vulcano actualiza a sua Certificação de Qualidade de ISO 9002 para ISO 9001. Com uma notável capacidade produtiva anual de esquentadores, a empresa também fabrica, já, anualmente, 120 mil caldeiras murais, tendo a área fabril coberta crescido, entretanto, para 30 mil metros quadrados.

De acordo com os responsáveis da empresa, o crescimento futuro da Vulcano tem por base uma aposta forte no mercado de caldeiras a gás, estando a firma empenhada em alcançar a liderança nacional em mais este segmento do mercado, fazendo jus ao slogan da marca "Vulcano - Soluções de Água Quente".

RÁDIO TERRA NOVA

FM 105

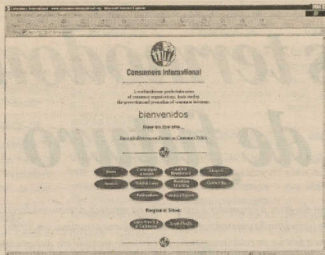
Defesa Internacional do Consumidor

Internet

No seguimento do tema abordado na semana passada – “Direitos do consumidor abordados na net” – analisamos nesta edição o *site* da defesa internacional do consumidor. A *Consumers International*, federação mundial sem fins lucrativos, entrou na era do virtual para lutar contra os principais atentados aos direitos dos consumidores regionais.

Em <http://www.consumersinternational.org>, encontramos uma das mais importantes formas de pressão desta organização. O *site* disponibiliza notícias, dá a conhecer campanhas e assuntos em debate, bem como *links* de apoio para casos específicos ou regionais.

A grande aposta da *Consumers International* está direccionada para a ali-



mentação, meio ambiente, patentes e direitos dos consumidores e publicidade. Mais recentemente, esta organização en-

volveu-se numa nova batalha, travada da qual pretende combater os alimentos geneticamente manipulados.

Música

K's Choice

A escolha de "Cocon Crash"

O duo belga K's Choice, composto pelos irmãos Gert e Sarah Bettens, editaram recentemente um novo álbum. "Cocon Crash" irá tentar seguir as pisadas do sucesso conquistado pelo anterior trabalho, "Paradise in me". De referir que o álbum, editado em 1996, incluiu o tema "Nor An Addict".

"Cocon Crash", contou com a participação do produtor Gil Norton, conhecido pelo trabalho que desenvolveu com os Foo Fighters e os Pixies, entre outros.

De acordo com a vocalista, Gil Norton ajudou a banda a trabalhar sobre o material que tinha, salientando que agora tudo sou muito melhor que antes.

Believe, In Your Room, Everything For Free, Now Is Mine, Butterflies Instead, If You're Not Sared, 20,000 Seconds, Too Many Happy Faces, Cocon Crash, Hide, Freestyle, Quiet Little Place, God In My Bed, Winners, são os temas que integram "Cocon Crash", o mais recente trabalho dos belgas, K's Choice. Para

além deste álbum e de "Paradise in me", a banda belga tem também editado no mercado "The Great Subconscious Club", lançado em 1994.



Música

A arte de pintar o vidro

A Quinta de Santo António tem patente ao público, até ao dia 14 de Fevereiro, uma exposição de pintura em vidro de Luís Cunha e Mónica Favério.

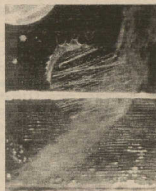
Artistas de grande modernidade, com poder criativo vigoroso e um espírito de inovação sempre aberto a novas conquistas, de acordo com as palavras de Jeremias Bandarra, Luís Cunha e Mónica Favério apresentam vitrais artísticos com trans-

parências esteticamente bem conseguidas, de rara beleza, onde é notória uma expressão de «vanguardistas inconfundíveis».

Luís Cunha nasceu em Janeiro de 1961. Desde muito cedo dedicou-se à produção de objectos artísticos, tendo constituído uma firma de artigos decorativos e outra na área do vitral artístico e de fusão do vidro. Após uma passagem por Itália, onde fez estágio de es-

pecialização na área do vitral artístico, e da participação em diversos certames, frequentou vários cursos entre os quais, dois em Zúriche.

Mónica Favério nasceu em Itália, em Agosto de 1963. Em 1980 diplomou-se como mestre de arte, pelo Instituto Statale d'Arte, em Camo, dedicando-se à criação de desenhos para moda. Mais tarde frequentou um curso de vitrais artísticos, bem como três de desenho. Participou em diversos certames, dos dois últimos em Portugal; onde colabora com Luís Cunha, desde 1960.



"Cometa Halley" vidro de fusão

Palavras Cruzadas

Luís Cruz

Problema nº 6

HORIZONTAIS 1-O primeiro preservador das espécies; ordem de batráquios desprovidos de cauda em adultos 2-Forma do verbo ser; instrumento de navegação; nota musical 3-Designação popular do óleo de sardinha; magnésio (s.q.) 4-Sufixo diminutivo; à esquerda não vale nada. 5-No meio de Julho; pequeno poema medieval narrativo 6-Pronome pessoal forma de complemento; acento; parte de oração 7-Grande quantidade (fig.); artigo definido 8-Cão de fila corpuento; medida de comprimento igual a quatro palmos 9-Interejaço; põe em mira 10-Artigo definido; protecção; letra grega 11-Peças de vestuário de formato quadrangular; cabelos brancos.

VERTICAIS 1 - Todos excluídos; comunicação à distância 2-Boca em Latim; cidade americana e instrumento de debaste; apelido 3-Dois romanos; aquilo que numa

canção dos anos cinquenta se mandava olhar 4-Roedor feminino; canal televisivo europeu 5-O princípio do egoísmo; pretexto 6-Patrião; fecha as asas para descer mais depressa; ocas 7-O górdio era difícil de desfazer; dialecto românico do norte de França 8-Doçura; asa 9-Grande; medida de comprimento igual a quatro palmos 10-Artigo definido; metal precioso; batráquio 11-Queixumes invertidos; corpos celestes.

Soluções da próxima edição

Soluções do problema nº 4

HORIZONTAIS 1 - Zaire; Vénus 2 - Ais; Una; Ari 3 - Nota; Zóos 4 - Ode; Mas 5 - Eur; As; Os; Pó 6 - If; Pí 7 - Ag; Se; Pé; On 8 - Cal; Aro 9 - Toam; Atal 10 - Ríu; Cid; Ara 11 - Oáis; Vales.

VERTICAIS 1 - Zanga; Anro 2 - Aio; Zig; Oia 3 - Isto; Caos 4 - Ada; Sam 5 - Eur; Es; El; Cs 6 - No; Rí 7 - Vá; Mó; Pá; Dv 8 - Zás; Era 9 - Naos; Oral 10 - Uro; Pio; Are 11 - Sismo; Nulas

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1				◆							
2								◆			
3	◆									◆	
4		◆			◆						◆
5											◆
6				◆							
7	◆										
8		◆					◆				
9			◆								
10				◆						◆	
11									◆		◆

Salazar: "O Homem que está e fica"

Televisão

(SIC, dia 25, às 00:10h)

Este episódio segue o Presidente do Conselho enquanto ele assenta os instrumentos que lhe permitirão ficar mais 4 décadas: a Censura que Salazar explica por não se poder "vender veneno na farmácia", ou seja, não poder o regime permitir a livre circulação da "mentira"; a PIDE, um aperfeiçoamento e reforço das polí-

as políticas da I República, a qual não hesitará na utilização da prisão e violência no combate ao inimigo principal, o Partido Comunista; as medidas administrativas, a intimidação e arbitrariedade utilizadas contra a oposição democrática, que recomendam a adopção de uma atitude pelo menos não de crítica do regime. "Quem não fosse contra o regime", dizem opositores, "vivia bem", a Constituição de 1933 que define um regime cons-

titucional em que todos os aspectos, contrariando na prática e no terreno, onde a orientação e a decisão final se vão concentrando cada vez mais em Salazar e num conselho de notáveis com quem reúne. Na década de 30, saído dos sobrolhos e da quase bancarrota a I República, o país vive serenamente a paz nas ruas, as contas equilibradas, a agricultura produzindo, uma indústria rudimentar despondante. As classes médias apoiam Salazar e agradecem a estabilidade e a ordem.



António de Oliveira Salazar

A T. v. de Quinta a Domingo



Quinta (dia 21)

13.00h - Jornal da Tarde; 13.45h - Consultório; 14.55h - Esmeralda; 15.40h - Chiquititas; 16.25h - Divulgação; 16.30h - O Amigo Público; 18.15h - País, país, 18.55h - O Tempo; 19.00h - País Regiões; 19.15h - Os Lobos; 20.00h - Telemat; 20.45h - Contra Informação; 20.55h - Vámos Dormir; 21.00h - As Lições do Toncass; 21.35h - Maria Elisa; 23.25h - Anúncios de Graça; 01.05h - 24 Horas; 01.40h - RTP/Financial Times; 01.50h - O Tempo; 01.55h - Vídeo Clube: "Norma Jean e Marilyn";

Sexta (dia 22)

13.00h - Jornal da Tarde; 13.45h - Consultório; 14.45h - Esmeralda; 15.40h - Chiquititas; 16.30h - Divulgação; 16.35h - O Amigo Público; 18.15h - País País - 19.00h - O Tempo; 19.05h - País Regiões; 19.15h - Os Lobos; 20.00h - Telemat; 20.45h - Contra Informação; 20.55h - Vámos Dormir; 21.00h - Uma Casa em Fimado; 22.10h - Jet Set; 22.45h - Serviço de Urgência; 23.45h - Radar; 00.20h - 24 Horas; 00.55h - RTP/Financial Times; 01.10h - O Tempo; 01.10h - Máquinas; 01.45h - Último Sessão: "O Assassino das Trevas"; 03.50h - O Tempo;

Sábado (dia 23)

13.00h - Jornal da Tarde; 13.35h - O Tempo; 13.40h - Top; 16.05h - Saber & Fazer; 15.35h - Amig; 16.25h - O Rapaz e o Mundo; 16.45h - Primeira Vez; 18.00h - O Tempo; 18.05h - Estrada Viva; 18.40h - Santa Casa (Joker e Totoloto); 20.00h - Telemat; 20.50h - Vámos Dormir; 20.55h - Futebol: Chaves/Sporting; 23.00h - Contra Informação (compromisso da semana); 23.25h - Miguel Ângelo ao Vivo; 00.45h - 24 Horas; 01.20h - Tempo; 01.25h - Última Sessão: "Death & La Carte"; 03.15h - O Tempo;

Domingo (dia 24)

13.00h - Jornal da Tarde; 13.30h - O Tempo; 13.35h - Made in Portugal; 15.00h - Que Vida Está; 16.15h - Sub 26; 17.40h - O

Tempo; 17.55h - Bugo; 18.45h - GLx; 19.20h - O Tempo; 19.30h - Domingo Desportivo I; 20.00h - Telemat; 20.45h - Vámos Dormir; 20.50h - Casa Cheia; 21.30h - Déhora; 22.05h - Docas 2; 23.15h - Domingo Desportivo 2; 00.50h - Millennium; 01.45h - 24 Horas; 02.20h - O Tempo;



Quinta (dia 21)

15.02h - Informação Gestual (Jornal da Tarde e Acontece); 15.45h - Filme: "Dos Honrados Vigários"; 17.25h - Divulgação/Fora de Casa/O Tempo; 17.30h - Euronews; 21.30h - Remate; 21.50h - RTP/Financial Times; 22.00h - Jornal 2; 22.35h - Acontece; 22.55h - No Meu Cinema: "Stromboli"; 00.25h - No Rastro de Alexandre; 01.45h - O Tempo;

Sexta (dia 22)

15.02h - Informação Gestual (Jornal da Tarde e Acontece); 17.25h - Divulgação/Fora de Casa/O Tempo; 17.30h - Euronews; 20.10h - The American Dream; 21.30h - Remate; 21.50h - RTP/Financial Times; 22.00h - Jornal 2; 22.35h - Acontece; 22.55h - Noites Brancas - Documentário/debate/filme: "Morrer em Las Vegas"; 01.45h - O Tempo;

Sábado (dia 23)

13.00h - Cidade Louca; 13.30h - Dinheiro Vivo; 14.00h - Parlamento; 15.00h - Desporto 2 (Hélice; Benfica/FC Porto); 18.30h - O Tempo/Boletim Agrário; 18.40h - Caminho das Estrelas; 19.30h - 2001; 20.00h - Os Simpsons; 21.00h - O Universo de Stephen Hawking; 22.00h - Jornal 2; 22.35h - O Lugar da História; 23.35h - Alibi Alibi; 00.05h - Crimes do Dia; 00.35h - Smith and Jones; 01.00h - Cine Sábado: "Nuvem"; 02.40h - O Tempo;

Domingo (dia 24)

10.30h - Eucaristia Dominical; 13.40h - Ela Volvou; 14.30h - Sarilhos em Elas; 15.00h - Desporto 2 (Andebol: Belemenses/FC Porto); 18.40h - A História de Nikita II; 20.00h - Os Simpsons; 20.30h - Onda Carta; 21.00h

- Artes e Letras; 21.55h - O Tempo; 22.00h - Jornal 2; 22.30h - Horários da Memória; 23.00h - Olhos nos Olhos; 01.00h - O Tempo;



Quinta (dia 21)

12.30h - Maluco do Riso; 13.00h - Primeiro Jornal; 14.00h - Juiz Decide; 15.00h - Fátima Lopes; 17.00h - Camilo; 17.30h - Meu Bem Querê; 19.00h - Pecado Capital; 20.00h - Jornal da Noite; 21.00h - Especial BBC Vida Torrage: A Batalha dos Sexos; 21.40h - Torre de Babel; 23.15h - Esta Semana; 01.00h - Da Terra à Lua; 02.00h - Último Jornal; 02.30h - Meteorologia; 02.35h - Portugal Radical; 02.55h - VÍbrações;

Sexta (dia 22)

12.30h - Maluco do Riso; 13.00h - Primeiro Jornal; 14.00h - Juiz Decide; 15.00h - Fátima Lopes; 17.00h - Camilo; 17.30h - Meu Bem Querê; 18.45h - Pecado Capital; 20.00h - Jornal da Noite; 21.00h - Um Sarilho Chamado Marina; 21.30h - Ponto de Encontro; 22.40h - Torre de Babel; 00.00h - Donos da Bola; 02.00h - Último Jornal; 02.30h - Meteorologia; 02.30h - Portugal Radical; 03.05h - VÍbrações;

Sábado (dia 23)

08.00h - Buêré; 11.55h - O Nosso Mundo; 13.00h - Primeiro Jornal; 14.00h - Sessão Aventura; 14.00h - Street Fighter: A Batalha Final; 16.00h - Big Show Six; 20.00h - Jornal da Noite; 21.00h - Mundo Vivo; 22.00h - Futebol: Benfica/Rio Ave; 23.50h - Mulher; 00.50h - Afródita; 01.20h - Os Dias do Cinema: "Rangoon"; 03.10h - Último Jornal; 03.40h - Meteorologia; 03.45h - Portugal Radical;

Domingo (dia 24)

08.00h - Buêré; 11.55h - BNC Vida Selvagem; 13.00h - Primeiro Jornal; 13.45h - Sessão Especial: "Mulher Sofre"; 15.45h - Buffy, a caçadora de vampiros; 17.55h - Chiuá Terrazas: "Sécção à Força"; 20.00h - Jornal da Noite; 21.00h - Polícias à Solta; 21.30h - Chuva de Estrelas; 22.40h - Hilda

Furacão; 23.40h - Maiores de 17; "Sem Escapes: Vencer ou Morrer"; 01.45h - Último Jornal; 02.15h - Meteorologia; 02.20h - Dra. Quinn; 03.20h - Portugal Radical;



Quinta (dia 21)

13.30h - TVI Jornal; 14.00h - Serras Azuis; 15.05h - Mulher Perigosa; 16.00h - Baraton; 18.00h - Flipper; 19.00h - Assas nos Pés; 20.00h - Sliders; 21.00h - Directo XXI; 22.00h - Ficheiros Secreos; 23.00h - Noites do Outro Mundo: "Ameca Solár"; 01.00h - Pizar o Ponto; 01.30h - Ponto Final; 01.40h - Fura de Jogos; 01.50h - O Mundo do Futebol; 02.15h - Psi Factor;

Sexta (dia 22)

13.30h - TVI Jornal; 14.00h - Serras Azuis; 15.05h - Mulher Perigosa; 16.00h - Animação; 18.00h - Flipper; 19.00h - Assas nos Pés; 20.00h - Sliders; 21.00h - Directo XXI; 22.00h - Primeira Vez; 23.00h - Polícias e Ladres; 00.00h - Noites de Mistério: "Paiões Perigosas"; 02.00h - Pizar o Ponto; 02.30h - Ponto Final; 02.40h - Fura de Jogos; 02.50h - Psi Factor;

Sábado (dia 23)

13.30h - Contra Ataque; 15.10h - Roar; 16.05h - Acção em Acapulco; 16.55h - Matine/O Regresso de Lisa; 18.40h - Matine: "Casamento por Conveniência"; 21.00h - Directo XXI; 22.00h - Filme: "Sem Testemunha"; 00.00h - Acção Total: "Kickboxer do Futuro"; 02.00h - Psi Factor;

Domingo (dia 24)

11.10h - Missa Dominical; 12.30h - Programa Religioso; 8ª Dia; 13.00h - Documentário de Natureza: Aventuras Selvagens; 14.00h - Sértimo Céu; 14.50h - Soldados da Justiça; 15.45h - Matine: "Arte as Vaqueiras ficam Tristes"; 17.35h - Matine: "A Vala da Vida"; 19.30h - Futebol: "Comprometo de Itália"; 21.15h - Directo XXI; 22.00h - O Rosto da Lei; 23.00h - Filme: "As Advogadas"; 01.00h - Psi Factor;

Farmácias de serviço

De 21 a 27 de Janeiro



Dia 21

Farmácia Saúde
R. S. Sebastião, 104

Dia 22

Farmácia Oudinot
R. Engº Oudinot

Dia 23

Farmácia Ala

Pr. Joaquim Melo Freitas, 11

Dia 24

Farmácia Capão Filipe
R. Gen. Costa Cascais, 21 - Esgueira

Dia 25

Farmácia Lenos
R. S. Braz, 150 - Quinta do Gato

Dia 26

Farmácia Peixinho
Estr. S. Bernardo, 399 - S. Bernardo

Dia 27

Farmácia Neto
R. Passos Manuel, 4-A

Comboios

Porto/Aveiro/Lisboa

Alfa:

14.10h/14.54h/17.30h

17.10h/17.54h/20.30h

19.10h/19.54h/22.30h

Intercidades:

6.05h/6.50h/9.30h

9.05h/9.53h/12.30h

11.05h/11.50h/14.30h

20.05h/20.53h/23.30h

Lisboa/Aveiro/Porto

Alfa:

14.00h/16.36h/17.20h

17.00h/19.36h/20.20h

19.00h/21.36h/22.20h

Intercidades:

8.00h/10.37h/11.25h(Brago)

11.00h/13.37h/14.25h

18.00h/20.37h/21.25h(Brago)

20.00h/22.37h/23.25h

Inspectores da UEFA em Portugal, no início de Fevereiro

Euro 2004 apresentado em Aveiro

A candidatura portuguesa ao Campeonato da Europa de 2004 foi apresentada de forma «informal» na Galeria Grade, na passada segunda-feira. Presentes na cerimónia, os presidentes da Federação Portuguesa de Futebol e da comissão organizadora do Euro 2004 realçaram as qualidades da candidatura nacional e os «fortes» argumentos que apresenta face às outras duas: a da Espanha e a Austro-Húngara. Orgulho da candidatura portuguesa, Gilberto Madalari referiu que, mesmo que Portugal não seja o escolhido, o país já ganhou muito em termos internos, acrescentando que a construção de «muitos dos estádios previstos na candidatura, já são irreversíveis».

O vídeo que suporta a candidatura de Portugal ao Euro 2004, bem como a brochura promocional, exibem imagens da paixão nacional pelo «desporto-rei», as tradições futebolísticas no nosso país e os outros desportos que, ao longo dos anos,

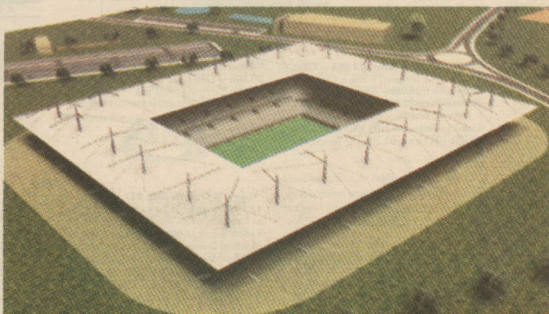
fizeram história na Europa e no Mundo. Para além da vertente desportiva, são destacados os grandes eventos que têm lugar no nosso país, bem como todo um conjunto de infra-estruturas que fazem o pro-

gresso do Portugal, desde o lazer à cultura, passando pelas acessibilidades e hotelaria. Usos e tradições que pretendem dar a conhecer as potencialidades e mais-valias de «um país de braços abertos».

Entretanto, está agendada a visita a Portugal, de uma delegação da União Europeia de Futebol (UEFA), entre 8 e 12 de Fevereiro, no âmbito de uma ronda de inspeções no terreno aos candidatos à organização do Europeu de 2004.

Os inspectores vão verificar os projectos e infra-estruturas propostos por cada uma das três candidaturas, para depois apresentarem um relatório à Comissão Executiva da UEFA, que vai escolher o país organizador do Euro 2004, no início de Julho. A ronda começa em Espanha, onde os observadores da UEFA vão estar durante a próxima semana, e encerra com a visita aos locais propostos pela candidatura conjunta austro-húngara, a realizar entre 8 e 12 de Março.

A UEFA adiantou que a equipa de inspectores é composta pelo cipriota Marios Lefkaritis, pelo romeno Mircea Sandu e pelo escocês Ernie Walker, e que a ordem das visitas foi determinada pelas condições climatéricas dos quatro países.



Futuro Estádio Municipal de Aveiro, com capacidade para 30 mil/ 35 mil lugares sentados

T1**VAGOS**

CONDOMÍNIO FECHADO

PISCINA, CORTE DE TÊNIS, BONIS ACABAMENTOS

14.500 CTS

519/1110

LOJA**ILHAVO**

MOBILADA, ALARME, CENTRAL TELEFÓNICA,

COFRE, ETC.

14.000 CTS

(negociáveis)

MORADIA T4**ESGUEIRA**

EXCELENTE

26.500 CTS

465/1009

MORADIA T3**ARREDORES DE AVEIRO**

EM CONSTRUÇÃO

COFRE, ETC.

25.000 CTS

MORADIA**ÓPTIMA LOCALIZAÇÃO**

27.000 CTS

526/1123

T2**AVEIRO - FORÇA**

EM CONSTRUÇÃO

17.000 CTS

468/1018

T3**VAGUEIRA**

ÓPTIMAS ÁREAS

17.000 CTS

524/1115

VIVENDA T3

ÓPTIMO PREÇO

18.500 CTS

419/941



Tel.: 034 327082/3 Fax: 034 327084
Av. Vasco da Gama, n.º 84 - Ilhavo
(estrada nacional 109, frente ao Museu de Ilhavo)

MORADIA**ILHAVO**

EXCELENTE PREÇO

529/1126

T3**AVEIRO**

ÓPTIMA LOCALIZAÇÃO

18.500 CTS

508/1094

T2**ESGUEIRA**

LUGAR DE GARAGEM; ARRUMOS

18.300 CTS

463/1002

T2 + 1**OLIVEIRA DO BAIRRO**

LUGAR DE GARAGEM

VIDEO-PORTEIRO

13.750 CTS

455/992

LOJA**S. BERNARDO**

BOAS ÁREAS

EXCELENTE PREÇO

503/1089

T3**ESGUEIRA**

C/ LUGAR DE GARAGEM

ARRUMOS

20.950 CTS

463/1005

T1**MONTES - AZURVA**

11.500 CTS

293/643

T2 DUPLEX**S. BERNARDO**

C/ GARAGEM, ARRUMOS, TERRAÇO

19.000 CTS

461/999